

**PROJETO BRA/96/018**

**Projeto Integrado de Proteção às Terras Indígenas da Amazônia Legal**

**RELATÓRIO AMBIENTAL INTEGRANTE DO PROCESSO DE  
IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA MAPARI  
MUNICÍPIO DE JAPURÁ - AM**

*POR LUCIANA DE OLIVEIRA MACHADO  
Engenheira Florestal*

**Brasília, Maio de 1998.**

Mapas confeccionados por  
Anselmo Cristiano de Oliveira  
a partir de cartas do  
Projeto RADAMBRASIL

## RESUMO

Como parte integrante do Processo de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Mapari, realizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em colaboração com o Projeto Integrado de Proteção às Terras e Populações Indígenas da Amazônia Legal (PPTAL), este trabalho tem por objetivo a caracterização ambiental da área de estudo, fornecendo informações sobre mecanismos e critérios de ocupação territorial de uma comunidade índios de etnia Caixana.

Através de pesquisas bibliográficas, entrevistas individuais e coletivas com alguns integrantes da comunidade indígena e do município, e ainda diversas observações de atividades produtivas desenvolvidas pelo grupo, foi realizado um levantamento dos recursos naturais utilizados na área de estudo. Este levantamento permitiu a construção de um calendário econômico-ecológico e o mapeamento das principais unidades de recursos necessárias à manutenção da vida desta comunidade.

Os resultados deste estudo nos mostram que a subsistência deste povo está bastante relacionada à utilização dos recursos disponíveis na área, principalmente daqueles advindos da caça e da pesca, e que se encontram ameaçados devido à atividade exógena.

Assim, fácil é perceber a necessidade urgente de regularização da área proposta, para que estes índios possam continuar desenvolvendo suas atividades produtivas, garantindo sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.



Lago Mapari, Terra Indígena Mapari, município de Japurá - AM.

## ÍNDICE

	Página
1. INTRODUÇÃO	01
2. OBJETIVO	02
3. DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	02
4. METODOLOGIA UTILIZADA	03
5. OCUPAÇÃO TERRITORIAL E PRÁTICAS DE MANEJO	04
5.1. Práticas econômicas	05
5.1.1. Pesca	05
5.1.2. Caça	07
5.1.3. Coleta de produtos vegetais	08
5.1.4. Extração da castanha do Pará	09
5.1.5. Agricultura	09
6. MAPEAMENTO DAS UNIDADES DE RECURSOS	11
7. CALENDÁRIO ECONÔMICO-ECOLÓGICO	12
8. IMPACTOS AMBIENTAIS EXISTENTES NA REGIÃO	13
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	16
11. ANEXOS - mapas e tabelas	17

## 1. INTRODUÇÃO

A definição dos limites das terras de determinados grupos étnicos brasileiros é uma tarefa que demanda a participação de diversas áreas de conhecimento e, por isto mesmo requer um pouco de sensibilidade e bom senso.

Estudos e levantamentos ambientais em terras indígenas brasileiras passaram a ser pré-requisito para os trabalhos de regularização destas áreas a partir da publicação da Constituição Federal, em 1988, que, em seu art. 231, § 1º, define como “terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural”. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, outras normas foram instituídas posteriormente com o intuito de enfatizar a questão ambiental nos processos de regularização das terras indígenas, como o Decreto nº 1.775/96 e a Portaria nº 14/MJ/96, que impõem alguns fundamentos para a elaboração do Relatório de Identificação e Delimitação de Terras Indígenas, exigindo, entre outros, estudos ambientais complementares para a descrição de áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem-estar econômico e cultural do grupo indígena.

Estas exigências se explicam pela crescente preocupação com os recursos naturais disponíveis no país, que estão sendo explorados irracionalmente, e ainda pelas constantes pressões a que vêm sendo submetidas as diferentes comunidades indígenas brasileiras. Estas, por sua vez, acabam por ter sua auto-sustentabilidade comprometida pelas alterações provocadas em suas formas de manejo e pelo desequilíbrio do ambiente envolvente, conseqüências diretas da invasão de terceiros. Em alguns casos, estas alterações afetam de tal maneira o ambiente, que chegam a provocar a dispersão de grandes comunidades indígenas que não podem mais suprir suas necessidades básicas de acordo com seus usos e tradições. No caso específico da Terra Indígena Mapari, objeto de estudo deste trabalho, esta triste realidade é claramente percebida quando se compara os relatos de antigos viajantes, que descreviam a existência de grandes comunidades de índios de etnia Caixana em grande parte do município de Japurá, com a atual situação destes mesmos índios, hoje reduzidos a pouco menos de 100 indivíduos, concentrados nas margens do rio Mapari.

Partindo deste princípio, este trabalho se propõe a fornecer informações de caráter ecológico-ambiental sobre a área de estudo, de modo a complementar os dados obtidos por outras abordagens (antropológica, histórica, fundiária). As informações aqui apresentadas foram coletadas através de várias pesquisas, levantamentos e entrevistas realizadas em campo, que exigiram um certo grau de conhecimento específico e de bom senso, conforme já mencionado.



O resultado final deste trabalho possibilitou a construção de um modelo de ocupação territorial, através da descrição das atividades produtivas desenvolvidas pelos Caixana para sua reprodução sociocultural, servindo como subsídio para uma demarcação justa e honesta da Terra Indígena Mapari.

## 2. OBJETIVO

Realizar levantamento e análise de dados ambientais necessários à identificação e delimitação da Terra Indígena Mapari, habitada por índios de etnia Caixana, obtendo informações concementes ao modo de ocupação territorial e utilização dos recursos naturais necessários à subsistência desta comunidade, conforme exigências do art. 231 da CF/88, do Decreto nº 1.775/96, da Portaria nº 14/MJ/96 e de normas internas da FUNAI.

## 3. DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

De acordo com a proposta desenvolvida pelo grupo técnico responsável, constituído pelas Portarias nºs 743 e 746 (D. O. U., 14/08/97 e 20/08/97, respectivamente), a Terra Indígena Mapari abrange uma área de 128.000 ha, aproximadamente, às margens do rio Mapari, no município de Japurá – AM (Mapa 01, anexo). Localizada entre os paralelos 9.680.000 e 9.740.000 UTM (02°45'00" e 02°46'30" S) e meridianos 670.000 e 740.000 UTM (67°34'30" e 67°37'10" W), a área de estudo é formada por diferentes tipos vegetacionais, sendo predominantes as Florestas Tropicais, sejam elas densas ou abertas, e as áreas de transição (ou áreas de tensão ecológica) entre diferentes fitofisionomias (Mapa 02, anexo). Estas diferenças refletem uma grande riqueza em termos de biodiversidade, representada pela diversidade de espécies animais e vegetais existentes na região.

Em relação à hidrologia, a região apresenta rios de água 'preta', que são ácidos e pobres em minerais que drenam de solos lixiviados, com baixa produtividade biológica quando comparado com rios de água 'branca' que nascem nos Andes e carregam sedimentos de alta fertilidade, como é o caso do rio Solimões. Apesar desta característica, ainda pode-se encontrar na área uma diversidade de espécies aquáticas relativamente grande. Esta diversidade, no entanto, pode deixar de existir caso nada seja feito para evitar a atuação de agentes exógenos (barcos pesqueiros e garimpeiros) nos diferentes cursos d'água existentes na região, inclusive dentro da Terra Indígena Mapari.

Em termos de características climáticas, a região apresenta, de forma geral, alta radiação solar, temperaturas relativamente uniformes, alta umidade relativa do ar e altas precipitações pluviométricas. O clima predominante na região é, segundo classificação de Köppen, do tipo A (clima tropical chuvoso), com temperatura do mês mais frio superior a 18° C, o que propicia um bom desenvolvimento vegetal, sendo no entanto, considerada

ponto limite, abaixo do qual não se desenvolvem determinadas plantas tropicais. A precipitação pluviométrica na região tem uma média anual superior a 2.500 mm e está intimamente relacionada ao regime das chuvas. Os meses com menor precipitação são dezembro, janeiro e fevereiro (verão), enquanto que os meses de maior ocorrência de chuvas estão compreendidos entre maio e agosto (inverno).

Quanto aos solos, dois tipos são dominantes: os latossolos e os solos podzólicos (Mapa 03, anexo). O primeiro é caracterizado por ser, profundo, de boa drenagem e estrutura e baixo pH. Os solos podzólicos são solos distróficos que possuem alto teor em argila, apresentando características físicas menos favoráveis, mas nem por isto menos produtivos. Isto porque, como bem explica Kitamura (1994), a dinâmica ecológica das regiões tropicais úmidas permite o desenvolvimento de florestas densas mesmo em solos quimicamente pobres, já que praticamente todos os nutrientes contidos na cobertura vegetal são mineralizados e reciclados, quando as partes mortas das plantas caem ao solo.

Além destes aspectos ambientais, a região apresenta ainda uma certa diversidade cultural em termos de populações nativas, especialmente indígenas (Caixana e Maku), com tecnologias, conhecimentos e valores importantes para o desenvolvimento sustentável da região. No caso específico da T. I. Mapari, a observação da natureza e os conhecimentos obtidos de gerações anteriores levaram a comunidade Caixana a um certo grau de adaptação ao meio, claramente percebido na habilidade de uso e manejo dos recursos naturais disponíveis, como domesticação de plantas não convencionais, sistemas agrícolas, artesanato, plantas medicinais, etc.

Todos estes dados regionais além de descreverem um pouco da realidade da região, também reforçam a idéia de que na Amazônia quase tudo depende da floresta: a fertilidade do solo e suas características físico-químicas, o balanço de energia global e local, o balanço hídrico e também o clima, além de todas as comunidades humanas (indígenas e ribeirinhas) e animais que vivem na região.

#### 4. METODOLOGIA UTILIZADA

Para se obter informações sobre o *modus vivendi* da comunidade Caixana de Mapari, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a região, envolvendo relatos de viajantes e naturalistas e pesquisas sobre a flora e fauna locais. Algumas entrevistas com representantes de entidades como CIMI/Tefé e UNI/Tefé também foram realizadas, uma vez que alguns membros destas entidades haviam visitado recentemente a região, fornecendo informações atualizadas sobre os índios de Mapari. Ainda antes da viagem de campo, algumas planilhas divididas por núcleos temáticos foram preparadas e serviram como base de orientação para o levantamento dos recursos naturais existentes na região.



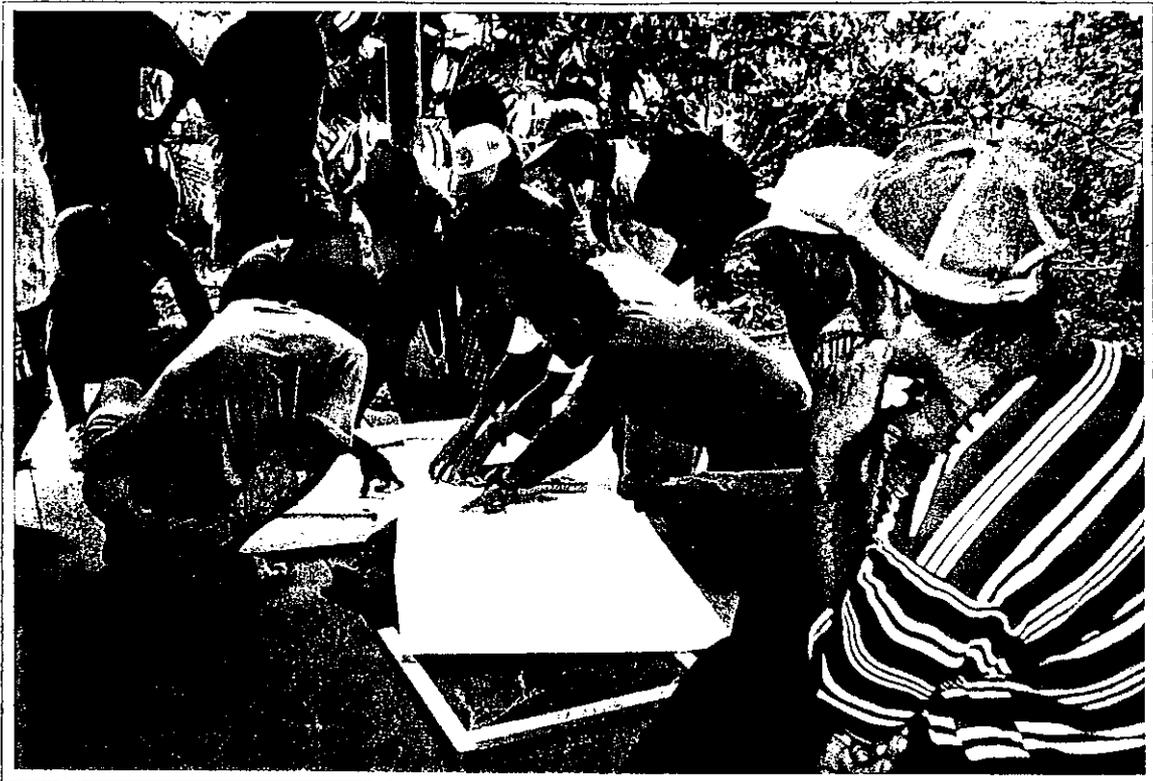


Foto 01: Grupo técnico e índios Caixana reunidos para definição dos limites da Terra Indígena Mapari.



Foto 02: Identificação de espécies florestais existentes na Terra Indígena Mapari através de fotografias.

O trabalho de campo propriamente dito, que se deu entre os dias 26 de Novembro e 06 de Dezembro de 1997, consistiu em localização da área indígena em cartas do Projeto RADAMBRASIL (escala 1:250.000), reuniões periódicas com membros da comunidade em questão e outros moradores do município de Japurá, para definição dos limites da terra indígena e discussão sobre os impactos ambientais existentes na área (Foto 01). Além disto, também foram identificados alguns ecossistemas através de mapas de vegetação (RADAMBRASIL, 1977). Entrevistas com vários membros da comunidade e/ou durante saídas para acompanhamento de algumas atividades econômicas, preenchimento de planilhas por núcleos temáticos (caça, pesca, agricultura, extrativismo e coleta vegetal) e levantamento de espécies vegetais presentes na região através de fotografias também foram adotados (Foto 02). Por fim, várias observações de campo foram feitas com o intuito de determinar os pontos limites com o uso de GPS (Global Positioning System) e alocar pontos de amostragem da vegetação. Estas observações também permitiram a confirmação das informações obtidas durante as entrevistas e ainda a identificação de várias espécies vegetais.

Cabe aqui ressaltar que esta parte do trabalho só foi possível graças à valiosa colaboração dos índios e demais moradores do município, que muito contribuíram para a realização do presente estudo, atuando em todas as etapas do processo de identificação e delimitação da Terra Indígena Mapari.

O mapeamento das unidades de recursos foi feito através da interpretação de cartas do Projeto RADAMBRASIL (hidrologia, vegetação e solos) e de levantamentos realizados em campo. A partir deste instrumental, mapas específicos para a área referente à T. I. Mapari foram confeccionados através da transferência (digitalização) das informações pertinentes para um Sistema Geográfico de Informações (SGI), as quais foram posteriormente processadas e editadas, resultando nos mapas que se encontram anexados a este relatório.

## 5. OCUPAÇÃO TERRITORIAL E PRÁTICAS DE MANEJO

Os índios Caixana da T. I. Mapari são ocupantes tradicionais de uma região pertencente à sub-bacia do Japurá, mais especificamente na microbacia do rio Mapari. Nesta área, desenvolvem praticamente toda a sua economia de subsistência, que é baseada principalmente em atividades de pesca, agricultura e coleta vegetal. Atividades de caça, extração de castanha para comercialização e confecção de objetos artesanais com matéria-prima obtida na região também possuem um importante papel para a economia deste povo. Estas atividades traduzem um modo de vida bastante peculiar, já que envolvem o reconhecimento de uma grande variedade de recursos naturais disponíveis na região,

permitindo aos Caixana o desenvolvimento de um dinâmico processo de reprodução sociocultural.

A maioria das atividades citadas é relacionada a um grande conhecimento a respeito do ciclo hidrológico e ecológico da região (observação da natureza e seus fenômenos), bem como de diferentes unidades de recursos, onde as atividades variam de acordo com a disponibilidade sazonal de aves, mamíferos, répteis, peixes e árvores em frutificação. Neste contexto ecológico, é fácil perceber a riqueza de informações adquiridas por este povo, no que se refere a mudanças dos ciclos pluviométricos e fluviométricos (épocas de inverno e verão), fenologia de espécies (período de frutificação), relações tróficas estabelecidas entre várias espécies de animais e fruteiras, hábitos alimentares, reprodutivos e migratórios de cada espécie.

Além do fator ambiental, há que se considerar também a adaptação destes índios às atuais condições de vida da região. Isto significa que, por motivos que serão mais profundamente abordados pela ótica antropológica, muito índios acabaram por abandonar parte de seus costumes tradicionais em busca de melhores condições de vida. Alguns dos motivos que levaram a esta mudança foram a falta de escola e assistência médica e a invasão de suas terras por terceiros (pescadores e garimpeiros). Estes fatores explicam a transferência de muitas famílias para a cidade de Japurá e a comercialização de alguns produtos advindos das atividades de agricultura, pesca, caça e trabalhos manuais (artesanato).

Em suma, as formas de ocupação territorial dos índios Caixana, além de envolverem um conhecimento de correlações entre as diferentes categorias mencionadas, ainda nos mostra uma eficiente forma de manejo destes recursos, que se traduz num bom equilíbrio ecológico. Em outras palavras, a adaptação indígena ao ambiente (natural e social) é claramente percebida no modo singular de aproveitamento da produção natural da região, seja ela para consumo próprio ou para a comercialização, conforme será detalhado a seguir para cada modalidade.

## **5.1. PRÁTICAS ECONÔMICAS**

### 5.1.1. Pesca

Apesar da intensa procura, não só por índios, mas também por diversas comunidades vizinhas e barcos pesqueiros de várias regiões do estado, a diversidade e abundância de espécies aquáticas na região do Japurá ainda é relativamente grande (Tabela 01, anexo). Considerada uma das principais fontes de proteína animal da comunidade Caixana, e por isto mesmo uma das principais atividades de subsistência, a pesca é praticada tanto por homens como por mulheres. Estas, no entanto, só o fazem nas

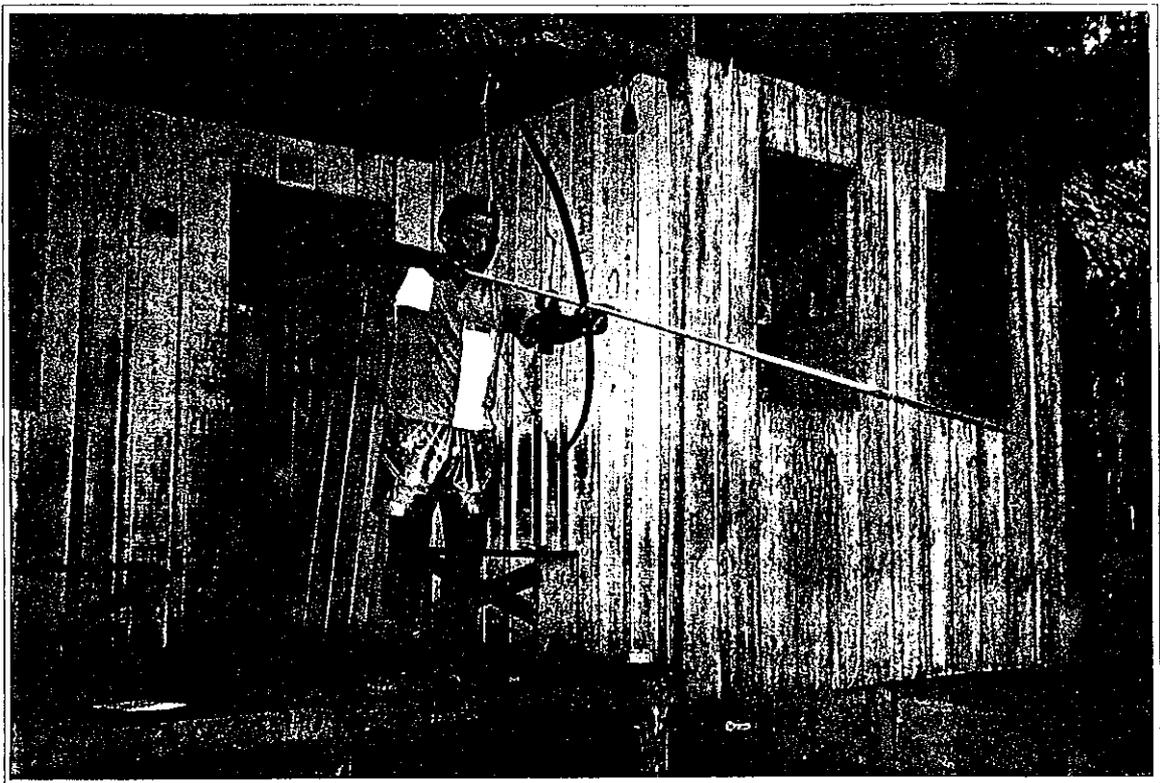


Foto 03: Índio Caixana fazendo demonstração de um de seus instrumentos de pesca: o arco e a flecha.

proximidades da terra indígena, mais exatamente no lago Mapari, única e exclusivamente para consumo de sua família. Já os homens, além do consumo próprio, também usam o resultado desta atividade para a comercialização. Neste caso, a preferência é dada para espécies como jaraqui, matrinchã, pintado, piraíba, pirapitinga, pirarara, pirarucu, surubim e tambaqui, que são espécies de maior saída no comércio local.

As técnicas utilizadas são bastante variadas, incluindo desde arco e flecha (Foto 03), arpão e zagaia até a utilização de anzol, linhada (*caniço*) e malhadeira. A escolha por cada uma destas técnicas varia de acordo com a espécie e a disponibilidade sazonal de peixes nos diferentes ambientes. Práticas antigas como utilização de venenos vegetais e construção de 'currais' ou barragens para a captura de peixes durante a época da enchente dos rios já foram abandonadas por serem proibidas pela legislação vigente, devido aos danos ambientais por elas causados.

A época de maior intensidade da pesca se dá entre os meses de dezembro e fevereiro, quando o nível das águas está baixo (verão). Este período é marcado pela dispersão dos cardumes pelos igarapés e rios, uma vez que ocorre uma mudança das condições ecológicas, diminuindo o nível das águas e a disponibilidade de alimentos para a fauna ictiológica nos outros ambientes. Além disto, nesta época há a formação de vários poços e praias que facilitam a captura dos peixes. Nestes locais, os Caixana utilizam primeiramente arco e flecha, zagaia e linhada.

O inverno é conhecido como o período de formação de cardumes para o fenômeno da piracema e sua migração para áreas alagáveis destinadas à reprodução. Durante este período (maio a julho), várias espécies vegetais estão em fase de frutificação. Este é o momento em que os índios lançam mão de seus conhecimentos referentes a relações tróficas existentes entre plantas e peixes herbívoros e frugívoros, que têm nas flores, frutos e sementes de algumas espécies uma rica composição alimentar. Assim, através destas correlações, os Caixana identificam os ambientes de maior ocorrência de espécies vegetais utilizadas pelos peixes, elegendo-os como locais privilegiados para a pesca durante o inverno.

O tempo dispensado para a pesca é bastante variável, podendo ser de algumas horas, caso esta atividade seja praticada nos arredores da aldeia (lago Mapari) e somente para consumo próprio; até alguns dias, quando são organizadas viagens específicas para este fim. Neste caso, a pesca normalmente é feita em grupo, ao longo do rio Mapari, ou nos vários igarapés que deságuam neste rio. Entre eles pode-se citar como local preferencial de pesca os igarapés Urucu, Pelari, Andiroba e Mocozinho. Havendo sucesso na pesca, os peixes são comercializados frescos ou salgados, sendo esta a única forma de conservação adotada pelos Caixana de Mapari.



Foto 04: Local preferencial de caça : *canamã* de anta, paca e queixoda.

### 5.1.2. Caça

Assim como a pesca, a caça é uma importante fonte de proteína animal para a comunidade Caixana de Mapari. Na maioria das vezes é praticada ocasionalmente, durante outras atividades como a pesca e a coleta vegetal (principalmente de castanha), assumindo, portanto, um papel complementar na dieta deste povo. Inclui desde pequenas aves até animais de grande porte como antas, queixadas e veados. Entretanto, devido à grande diversidade de espécies animais na região do Japurá (Tabela 02, anexo), há momentos em que esta atividade assume um papel centralizador, havendo expedições organizadas especificamente para o abate de animais. Neste caso, a caça é realizada única e exclusivamente por homens, que direcionam seus esforços para a captura de determinadas espécies de interesse comercial como anta, paca, porquinho, macaco barrigudo e guariba, mutum, queixada, jabuti, tartaruga e tracajá.

Em ambos os casos, a caça é sempre noturna e envolve o uso de armas de fogo. As técnicas mais utilizadas são a de espera e a de rastreamento. A primeira delas consiste na escolha de um local que contenha um 'atrativo' para a caça e que sirva como ponto de espera. Este atrativo pode ser uma fonte de alimento que seduza a caça (por exemplo, árvores em frutificação), ou *canamãs* ou barreiros, que são locais lamacentos que alguns animais freqüentam para lamber a terra em busca de sais minerais (Foto 04). A técnica de rastreamento é utilizada quando da evidência de um bando de animais, principalmente queixadas. Neste caso, os índios saem atrás dos rastros deixados pelo bando (pegadas, fezes, galhos quebrados, etc.), perseguindo-o até o encontro final. Nesta hora, tentam cercar o bando para abaterem o maior número possível de animais.

Normalmente as expedições de caça são realizadas às margens do rio Mapari ou de alguns igarapés da área que são reconhecidos pelos Caixana como sendo locais preferenciais de caça (*canamãs*). Estes ambientes normalmente envolvem tipos vegetacionais predominantes na área proposta, como florestas tropicais, sejam elas densas ou abertas, que são bastante freqüentados pelos animais de interesse. Estas viagens não têm duração preestabelecida, variando de acordo com o sucesso/insucesso da caça. Em geral, duram em torno de uma semana e são realizadas em grupos, que viajam em canoas com pequenos motores denominados 'rabetas'. Independente do total de indivíduos que compõem o grupo, quando se aproximam das unidades de caça, dividem-se em grupos menores (duas ou três pessoas) que ficam à espera da caça em sistema de revezamento. Dentro da mata, instalam-se em pequenos abrigos temporários construídos com matéria-prima oriunda da própria floresta ou com pequenas lonas conseguidas através da comercialização de seus produtos.

Em termos temporais, pode-se dizer que existe oferta animal, por parte da natureza, durante praticamente todo o ano. Entretanto, é durante o inverno que a caça adquire maior

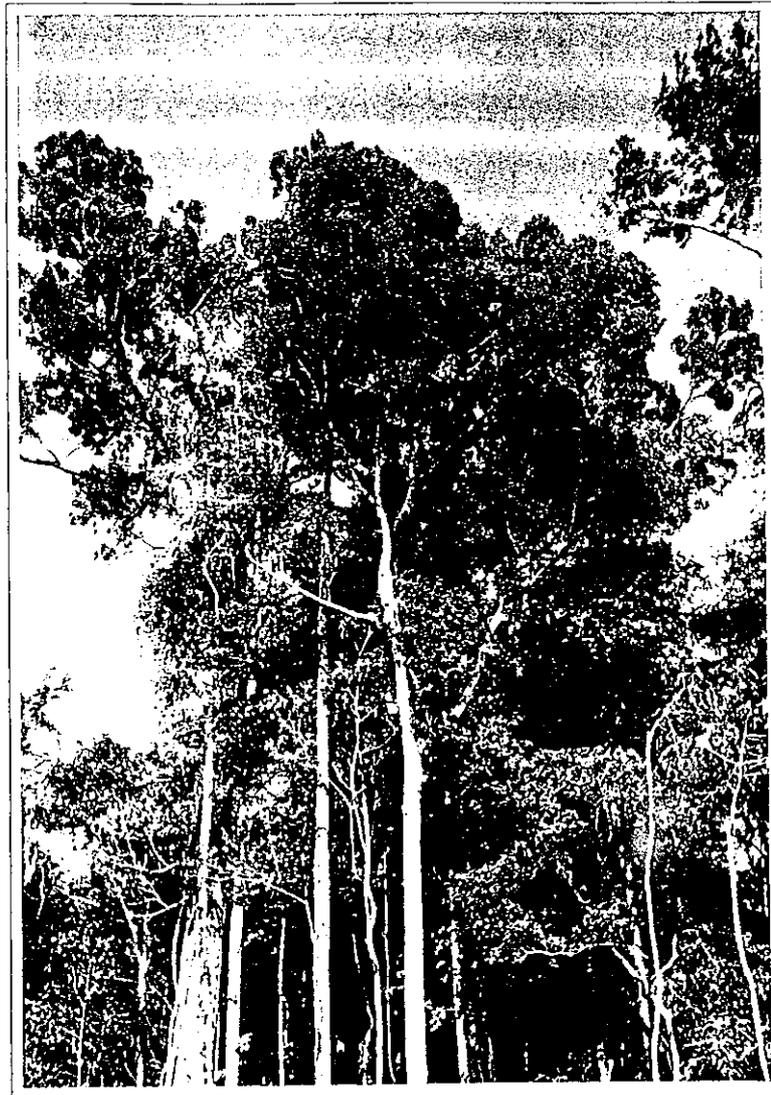


Foto 05: Vegetação natural presente na Terra Indígena Mapari: imediações do Igarapé Pelari.

intensidade. Isto porque, com o aumento do nível das águas, existe uma maior distribuição deste recurso, havendo, por conseguinte, uma maior dispersão dos animais dentro da terra indígena. Além disto, há que se considerar também que, assim como na pesca, as árvores em frutificação na época das cheias são atrativos bastante interessantes para os animais, e, locais de maior concentração destes frutos são sabidamente reconhecidos pelos Caixana como importantes unidades de caça. Apenas a título de exemplo, algumas destas relações tróficas entre animais e fruteiras são cutia/castanha, seringa, pequiá; queixada/seringa, tucumã; paca/ bacuri, buriti, seringa; macacos/sorva; anta/buriti, taperebá.

### 5.1.3. Coleta de produtos vegetais

Conforme já mencionado anteriormente, a área de estudo é formada principalmente por florestas densas, que possuem uma enorme diversidade de espécies vegetais, incluindo plantas com raízes comestíveis e medicinais, frutas, sementes, castanhas e madeiras de boa qualidade (Foto 05). Estas espécies, sabidamente reconhecidas pelos índios, são utilizadas para diferentes finalidades, quais sejam, complemento da dieta alimentar, confecção de móveis e pequenos objetos artesanais e, em alguns casos, comercialização e venda (Tabela 03, anexo).

Embora existentes em larga escala, estes produtos silvestres não são intensamente explorados pelos índios. Com exceção da exploração da castanha do Pará, a atividade de coleta vegetal assume um papel secundário para a economia Caixana, devido ao fato dos recursos não se encontrarem concentrados em uma só área. A distribuição dispersa e isolada de determinadas espécies vegetais, requer tempo, mão-de-obra, e ainda, acesso a uma grande extensão da floresta. Assim sendo, esta atividade é mais comumente praticada por homens, quando em expedições de caça ou pesca. Todavia, em se tratando de matéria-prima para a confecção de objetos artesanais (fibras, palhas e folhas), a coleta fica a cargo das mulheres, que utilizam os recursos disponíveis nas proximidades da aldeia. Em ambos os casos, pode-se dizer que esta atividade é realizada durante praticamente todo o ano, sendo que no inverno adquire maior intensidade, devido à presença de várias espécies em frutificação que são utilizadas na alimentação do povo de Mapari.

Os principais pontos de coleta vegetal são as margens dos cursos d'água e as florestas que se encontram mais próximas da aldeia. A escolha por estes ambientes deve-se ao fato de esta atividade estar relacionada a outras práticas, conforme mencionado anteriormente. Além disto, há que se considerar também que o transporte dos produtos coletados fica bastante facilitado com o uso de embarcações, através dos vários igarapés existentes na T. I. Mapari.



Foto 06: Terreno preparado para o cultivo da mandioca (*Manihot* sp.): 'coivara'.

#### 5.1.4. Extração da castanha do Pará

Embora inserida no universo de atividades de coleta vegetal, a exploração da castanha do Pará, ou simplesmente castanha, merece uma atenção especial, visto que esta prática se constitui em uma importante fonte de renda para os índios de Mapari. Além de possuir um alto teor nutritivo, sobretudo em termos protéicos, os frutos desta espécie são produtos de fácil comercialização, não apenas no estado do Amazonas, mas também no resto do Brasil e em vários países do mundo.

Sabendo desta característica, os índios de Mapari aproveitam a existência de inúmeros exemplares da espécie na região para tirar parte de seu sustento da comercialização e venda das castanhas. Os castanhais explorados estão distribuídos entre os vários grupos familiares de Mapari, e concentram-se nas imediações dos igarapés Pelari, Cujubim e do Repartimento.

Em termos temporais, os meses de maior atividade são maio e junho, quando as espécies encontram-se em plena frutificação. Este período pode estender-se até meados de julho, conforme disponibilidade sazonal de frutos. Nos dias que antecedem o pico das atividades de coleta, os Caixana realizam a limpeza das picadas de acesso aos castanhais, para então iniciarem o trabalho de coleta e quebra de ouriços para a obtenção da castanha. O transporte do produto final até a aldeia varia conforme a localização dos castanhais, podendo ser a pé ou por via fluvial, em pequenas canoas.

Apesar do enorme potencial da região, a atividade de extração da castanha limita-se à capacidade humana (mão-de-obra disponível) de cada grupo familiar, e ainda, à demanda por este produto, vinda muitas vezes de diferentes municípios do estado. Havendo grande procura, homens e mulheres podem permanecer nos castanhais por períodos de duas a três semanas, quando então são construídos pequenos abrigos temporários para pernoitarem. Em consequência desta concentração de esforços, há, neste período, uma suspensão temporária das outras atividades.

#### 5.1.5. Agricultura

Desde muito tempo a agricultura vem sendo considerada a principal atividade de índios e caboclos da Amazônia. No caso particular dos Caixana, que além de pescadores, caçadores e coletores, também são agricultores por excelência, a agricultura representa, sem sombra de dúvidas, uma importante atividade econômica. É desenvolvida pelo tradicional sistema de 'coivara' ou 'roça de toco', que consiste na derrubada e queima da mata e posterior queima de tocos não atingidos pela queimada inicial (Foto 06). Neste sistema, como em qualquer tipo de agricultura praticado na Amazônia, a queima da biomassa derrubada é fundamental para liberar os nutrientes nela existentes. Tal prática melhora as condições químicas do solo para o primeiro cultivo, além de facilitar as práticas





Foto 07: Plantação de mandioca de uma unidade familiar do povo Caixana.



Foto 08: Índios Caixana preparando a farinha de mandioca: alimento básico.

de manejo pela eliminação de restos da vegetação, como também de plantas invasoras, muito agressivas neste ambiente.

O corte das árvores e limpeza do terreno a ser plantado não segue nenhum padrão preestabelecido, sendo realizados nas diferentes épocas do ano. No entanto, estas atividades normalmente são realizadas no período da seca, de modo que a queima e o plantio possam ser programados para o período que antecede as primeiras chuvas.

De tamanho variável, as roças normalmente são cultivadas nas proximidades da aldeia, havendo, na maioria das vezes, uma única roça por unidade familiar (Foto 07). São feitas em sistema de rodízio, no qual utilizam uma mesma área por cerca de 2-3 anos e deixam-na descansar por igual período. Ao longo deste ciclo, os rendimentos dos cultivos começam a cair, dado o efeito combinado da queda da fertilidade do solo com a maior infestação de plantas que concorrem com as espécies cultivadas. Neste contexto, o abandono da área deve-se à necessidade crescente de mão-de-obra para fazer frente a colheitas declinantes, tornando mais econômica, a partir de um determinado ponto, a abertura de uma nova área e o abandono da antiga. Esta prática, ao contrário de grandes monoculturas que aos poucos estão chegando na região Amazônica, pode ser considerada auto-sustentável, visto que existe um lapso de tempo para a recomposição vegetal através do banco de sementes e da regeneração natural da floresta adjacente, restaurando a fertilidade do solo perdida após o ciclo de cultivo da terra.

A principal cultura é a da mandioca, já que sua farinha é o alimento básico, de consumo diário durante todo o ano (Foto 08). Existem, no entanto, outras espécies consorciadas a esta cultura, principalmente tubérculos (batata-doce, cará, macaxeira) e fruteiras (apurumã, abiu, pequiá, açai), conforme relacionado na Tabela 04 (anexo). A preferência por estes produtos pode ser explicada pelo próprio ambiente da região, já que se trata de culturas que se desenvolvem em solos pobres e resistem a pragas e variações climáticas. Além disto, os tubérculos podem ser mantidos na terra o tempo que for preciso, não necessitando de nenhuma forma de armazenamento ou conservação.

Culturas de menor escala, mas de igual importância para o grupo são, dentre outras, banana, feijão, milho, cana, pupunha, mamão e café, que normalmente são plantados em pequena quantidade, apenas para subsistência familiar. O plantio tanto pode ser feito em consórcio com a mandioca como em pequenas áreas localizadas na própria aldeia, em volta das casas. Caso haja procura e excesso de produção, alguns destes produtos também podem ser comercializados ou trocados por outros produtos de interesse na cidade de Japurá.

Por fim, existe ainda na T. I. Mapari, alguns 'conhecedores de plantas e de doenças que elas curam. Assim sendo, além das culturas utilizadas para a alimentação, os índios também cultivam várias outras espécies que possuem aplicação medicinal (Tabela 04).

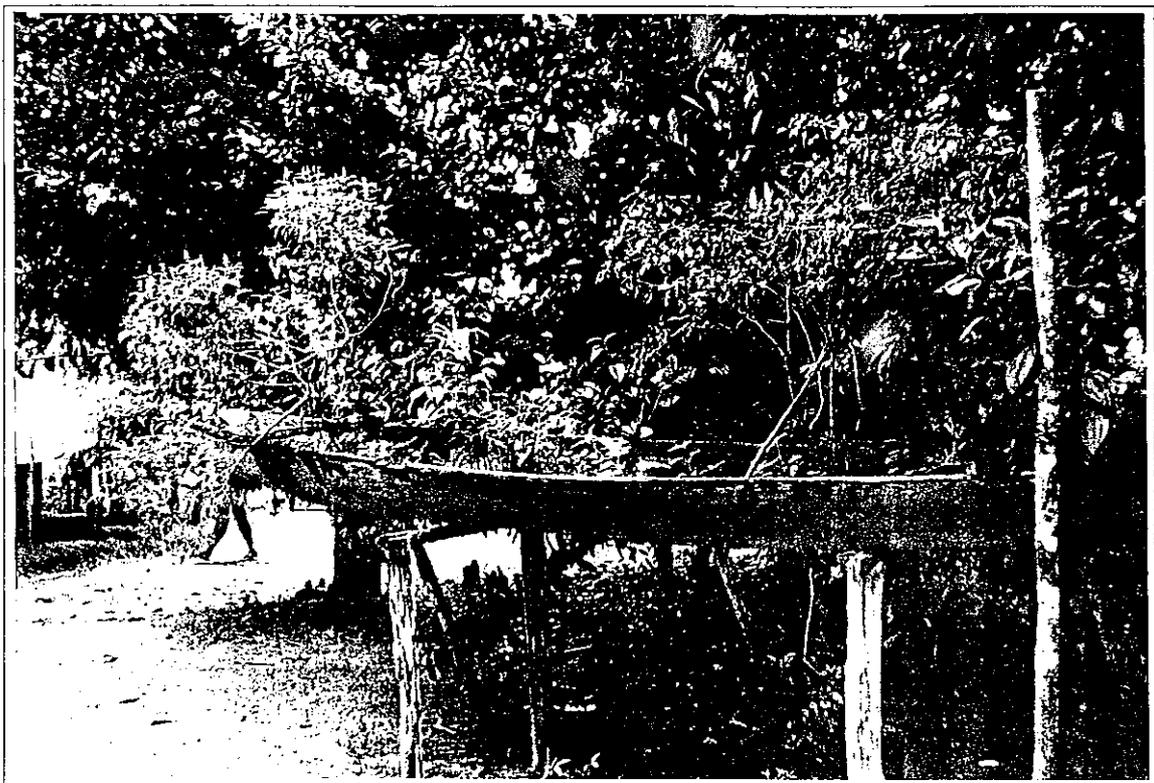


Foto 09: Viveiro suspenso contendo ervas e arbustos utilizados na medicinal tradicional do povo Caixana

Estas plantas são em sua maioria, de pequeno porte (herbáceas ou arbustivas), podendo ser cultivadas em viveiros suspensos que são feitos com pequenas canoas (Foto 09). Este costume permite ao povo de Mapari um tratamento bastante eficaz de diversos males e enfermidades, evitando as dificuldades de deslocamento em busca de assistência médica e farmacêutica.

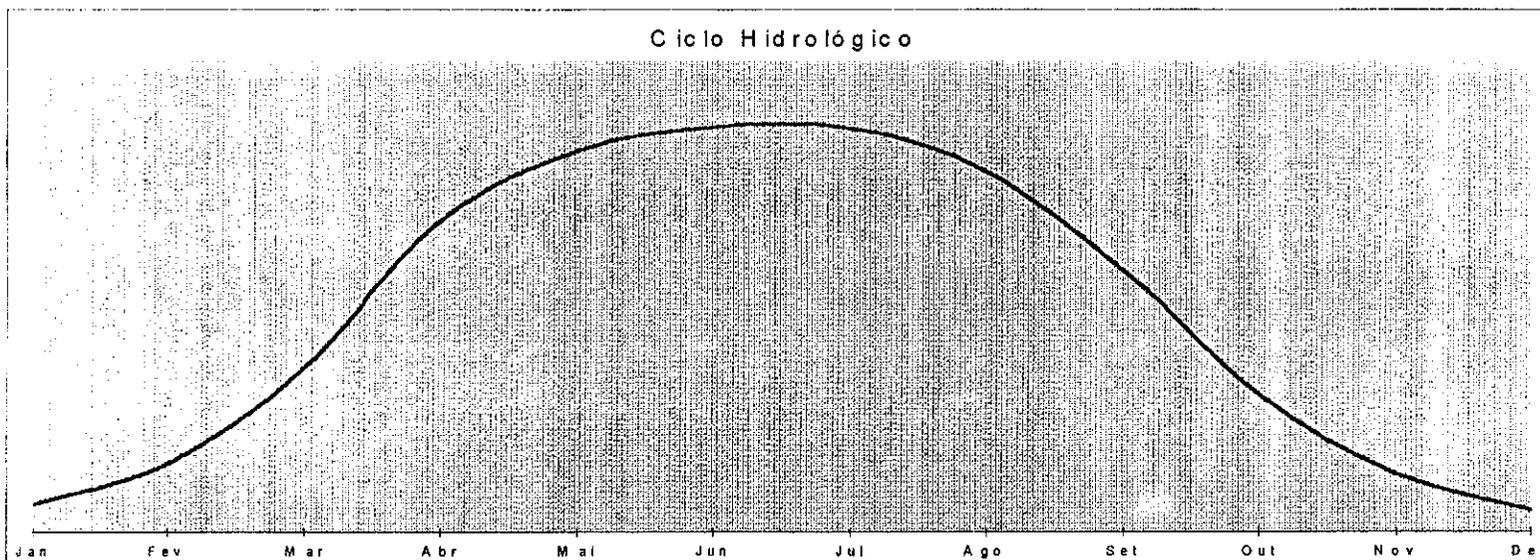
## 6. MAPEAMENTO DAS UNIDADES DE RECURSOS

Na tentativa de melhor entender a importância da área proposta para demarcação da T. I. Mapari, as diferentes unidades de recursos consideradas imprescindíveis ao desenvolvimento das atividades produtivas e à preservação dos recursos necessários ao bem-estar econômico e cultural da comunidade Caixana foram distribuídas de forma ilustrativa no Mapa 04 (anexo).

Esta etapa do trabalho, assim como várias outras, foi realizada em conjunto com a comunidade indígena e passou por algumas dificuldades, principalmente pelo fato de se ter disponível apenas mapas em escala de 1:250.000, cujo detalhamento é bastante reduzido. Além disto, a curta permanência em campo foi um outro fator limitante. Estes entraves foram minimizados pelo reconhecimento de algumas tipologias ambientais existentes na área, que concentram parte das unidades de recursos utilizadas pelos índios, que foram georeferenciadas através do uso de GPS. Estas informações foram então processadas, resultando no referido mapa.

De posse destes dados, a definição dos limites foi feita com base na distribuição espacial das áreas atualmente utilizadas, tendo-se a preocupação de incluir áreas de preservação situadas nas nascentes e cabeceiras de alguns igarapés tidos como essenciais para a manutenção da vida deste povo. Esta preocupação é fundamentada no fato de que a remoção da cobertura vegetal destas áreas pode acarretar sérios danos ao bem comum, como já tem ocorrido em diversas regiões do país. É sabido que no Brasil, a incidência solar é extremamente intensa, principalmente na região Amazônica. Por esta razão, rios, lagos, igarapés e outras fontes hídricas, se não possuírem uma proteção arbórea que garanta a conservação do solo, regularize o regime das águas e atue sobre o clima e a qualidade do ar, estarão fatalmente condenados ao desaparecimento. Este fato comprometeria sobremaneira a sobrevivência dos Caixana de Mapari, uma vez que é nestes ambientes, principalmente nos arredores do igarapé Pelari e afluentes, que boa parte de suas atividades produtivas é desenvolvida. Portanto, a sua proteção é de fundamental importância para a sua conservação e para a manutenção da qualidade de vida das gerações presentes e futuras.

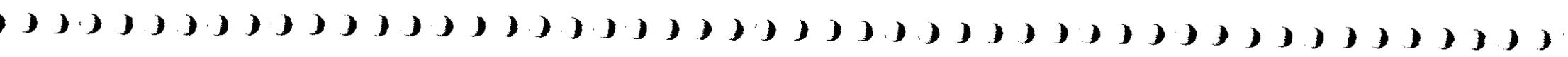
Além das áreas de preservação ambiental, existem ainda outras áreas sem as quais o grupo indígena não sobreviveria, como é o caso dos vários lagos, igarapés e florestas



Pesca	☞☞☞ ☞☞☞	☞☞☞ ☞☞☞	☞☞ ☞☞	☞☞☞	☞☞☞	☞☞	☞☞	☞☞☞	☞☞ ☞☞	☞☞ ☞☞	☞☞☞ ☞☞☞	☞☞☞ ☞☞☞
Caça	🐾	🐾	🐾🐾	🐾🐾🐾	🐾🐾🐾 🐾🐾🐾	🐾🐾🐾 🐾🐾🐾	🐾🐾🐾 🐾🐾🐾	🐾🐾🐾 🐾🐾🐾	🐾🐾🐾 🐾🐾🐾	🐾🐾🐾	🐾🐾	🐾🐾
Coleta vegetal	🌿	🌿🌿	🌿🌿🌿	🌿🌿 🌿🌿	🌿🌿 🌿🌿	🌿🌿 🌿🌿	🌿🌿 🌿🌿	🌿🌿 🌿🌿	🌿🌿 🌿🌿	🌿🌿🌿	🌿🌿	🌿
Extração de castanha					⊖⊖⊖ ⊖⊖⊖	⊖⊖⊖ ⊖⊖⊖	⊖⊖⊖					
Agricultura	♣♣♣ ♣♣♣	♣♣♣ ♣♣♣	♣♣ ♣♣♣	♣♣ ♣♣	♣♣♣	♣♣	♣♣	♣♣♣	♣♣ ♣♣	♣♣ ♣♣♣	♣♣ ♣♣♣	♣♣♣ ♣♣♣

Obs.: A quantidade de símbolos indicada para os diferentes meses do ano é diretamente proporcional à intensidade com que cada atividade é realizada.

Diagrama 01: Calendário das atividades produtivas desenvolvidas pelos Caixanas de Mapari de acordo com o ciclo das águas.



existentes em todo o território estudado. Nestes locais foram identificadas várias rotas preferenciais de caça, *canamãs*, castanhais e pontos de coleta e extração de outros produtos de origem vegetal e animal, conforme já mencionado. Estes pontos localizam-se, na maioria dos casos, nas margens de igarapés e lagos, não só pela distribuição espacial, mas também pela facilidade de transporte dos produtos.

As culturas agrícolas normalmente são desenvolvidas nas proximidades das comunidades, ou em áreas de acesso facilitado no período das chuvas, com a cheia dos cursos d'água. Contudo, devido ao sistema de cultivo utilizado pelos índios (rodízio), estas áreas podem assumir extensões maiores do que as atualmente ocupadas.

É importante lembrar que todas as unidades de recursos utilizadas pelos índios estão inseridas num contexto de conjunto e não podem, nem devem, ser dissociadas. Em outras palavras, as práticas econômicas desenvolvidas na T. I. Mapari estão misturadas no tempo e no espaço. Isto significa que uma mesma área pode ser utilizada para o desenvolvimento de diferentes atividades: onde praticam a coleta vegetal, também praticam a caça; onde pescam, também coletam produtos vegetais; onde exploram castanha, caçam e pescam, e assim por diante. Até mesmo nas áreas reservadas para a agricultura pode haver simultaneidade com atividades de caça, visto que alguns animais (principalmente macacos e cutias) são atraídos pelos frutos de algumas espécies cultivadas.

## 7. CALENDÁRIO ECONÔMICO-ECOLÓGICO

A riqueza de valores e conhecimentos tradicionais a respeito de variações climáticas, mudanças nos ciclos pluviométricos e fluviométricos, ou simplesmente estações de inverno e verão, permitiu ao povo de Mapari uma adaptação bastante interessante em seu *habitat*. De acordo com os dados apresentados neste trabalho, é possível se ter uma pequena noção das alternativas e possibilidades de utilização dos recursos naturais, renováveis ou não, reconhecidas por este povo para garantir a sua subsistência.

Toda esta sabedoria resulta num pluralismo econômico, que é baseado em atividades de caça, pesca, coleta vegetal e agricultura, e se constitui em uma estratégia particular de ocupação do território que não é estática no tempo, nem no espaço, conforme já discutido. Além disto, possui uma intrínseca associação com os ciclos ecológicos da região, através da disponibilidade sazonal dos recursos.

Para um melhor entendimento desta situação, foram relacionadas, no diagrama ao lado, as diferentes práticas desenvolvidas na T. I. Mapari, de acordo com as variações climáticas existentes na região. Estas práticas buscam maximizar o aproveitamento dos recursos, conforme sua distribuição espaço-temporal.

De uma forma geral, a maioria das atividades econômicas se intensificam no período de maior ocorrência de chuvas (inverno). Isto acontece porque, além do aumento da

disponibilidade, os recursos tornam-se mais acessíveis. Com a cheia dos rios e igarapés, existe uma maior facilidade de locomoção, através de pequenas embarcações, possibilitando o acesso a regiões mais distantes que não podem ser alcançadas no período da seca. A este fato, soma-se ainda a possibilidade de transporte de produtos oriundos da floresta como, por exemplo, animais de grande porte. Além disto, é nesta época que a maioria das espécies vegetais encontram-se em fase de frutificação, inclusive a castanha do Pará, que possui grande importância para a economia deste povo.

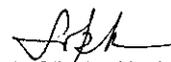
Com a chegada do verão, época de menor índice pluviométrico, a água passa a ser fator limitante para o desenvolvimento de determinadas atividades, principalmente para a caça e a coleta vegetal. Neste contexto de escassez de alguns recursos, os esforços indígenas concentram-se em atividades como a pesca e a agricultura, garantindo assim a sua subsistência. Atividades de coleta vegetal também são praticadas, mas em menor frequência.

Apesar das variações ecológicas terem uma grande influência sobre as práticas econômicas dos Caixana de Mapari, é importante ressaltar que estas atividades não acontecem de maneira independente, mas dentro de um processo natural bastante dinâmico, que se faz presente nas diferentes épocas do ano. Este processo envolve um conjunto de atividades que se complementam em função da variação do ciclo ecológico e da concentração e disponibilidade de determinados recursos.

## 8. IMPACTOS AMBIENTAIS EXISTENTES NA REGIÃO

Para uma correta avaliação dos impactos existentes nas imediações da Terra Indígena Mapari, seria necessário a elaboração de um EIA/RIMA, com a participação de equipe multidisciplinar especialmente designada para este fim. Contudo, a permanência do GT na área, ainda que curta, permitiu a observância de algumas anomalias, tais como a invasão das terras por barcos pesqueiros e a exploração do leite dos rios por garimpeiros.

No primeiro caso, o problema pode não ter grandes efeitos em um curto espaço de tempo, visto que esta atividade não é praticada com muita frequência. Entretanto, a médio e longo prazos, pode colocar em risco a subsistência do povo de Mapari devido à forma com que é praticada. Em outras palavras, a pesca destes barcos motores é feita pelas práticas do 'arrastão' e da 'batição'. Ambas são efetuadas com o uso de grandes redes para o represamento de peixes em grande quantidade e sem nenhuma seletividade. A diferença é que na primeira o represamento é feito através de uma rede que é lançada na água e puxada rio abaixo, arrastando os peixes até o encontro de uma segunda rede que é jogada no rio de forma a impedir a fuga dos peixes. Já na batição, a captura dos peixes é feita com o uso de grandes varas que, ao serem batidas na água, conduzem os cardumes em direção a uma grande rede. Incluem, desta forma, a captura de filhotes de peixes que não são



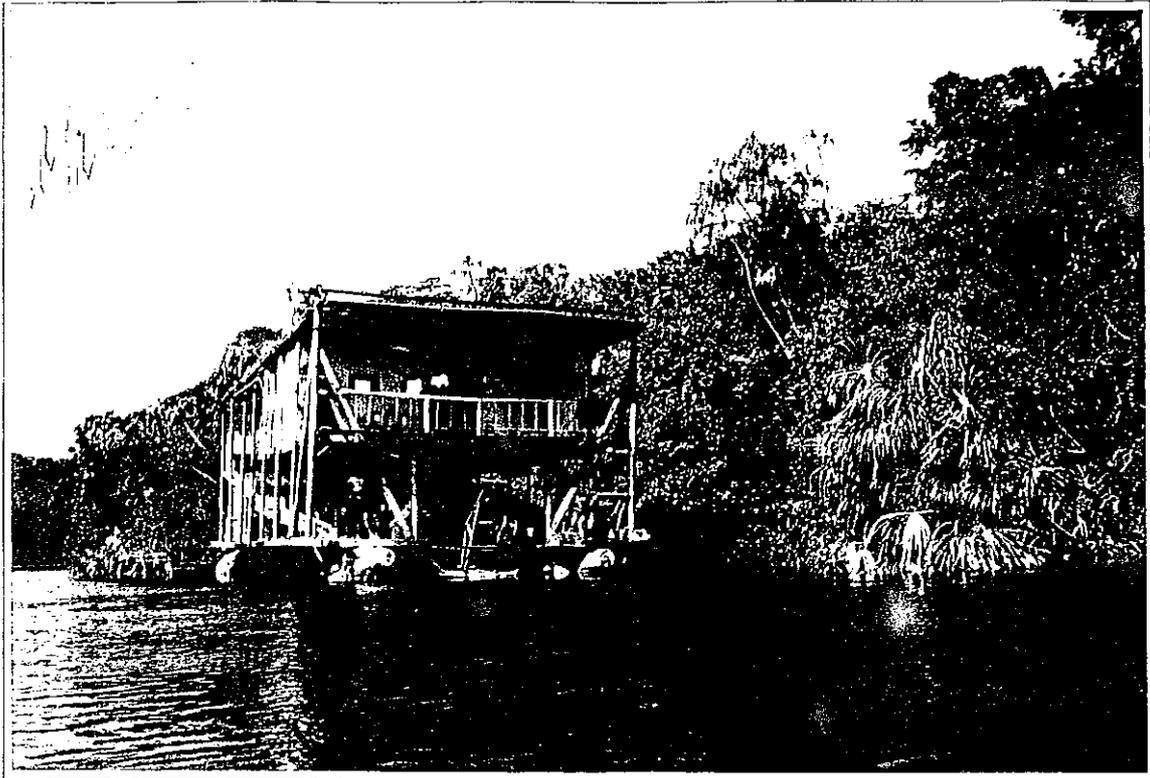


Foto 10: Draga utilizada para o garimpo no rio Mapari.

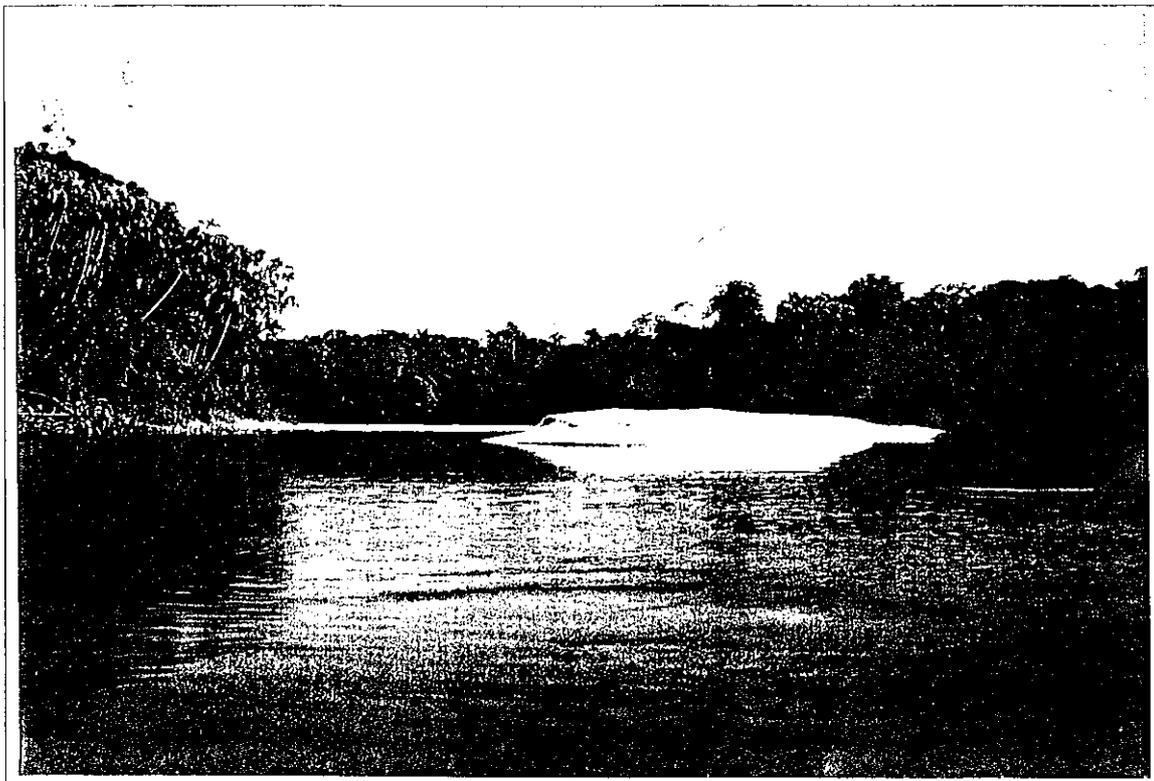


Foto 11: Banco de areia formado pela atividade de garimpeiros: rio Mapari.

aproveitados, mas também não resistem ao stress provocado, e ainda, peixes em fase de reprodução. Este último fator torna-se um agravante, visto que compromete a própria existência da espécie e, indiretamente, a manutenção das populações que dela dependem para o seu sustento.

O garimpo na região do Japurá também não é uma atividade de grande intensidade. Talvez porque esta região não seja tão rica em minerais como outras já conhecidas. Todavia, a prática desta atividade, seja ela em que nível for, traz sérios danos ao ambiente, sobretudo o aquático. Isto porque o material é extraído com a utilização de dragas que drenam os sedimentos do fundo dos rios (Foto 10), provocando a formação de grandes bancos de areia (Foto 11), que acabam por mudar o cursos dos rios.

Além do ouro, material de maior interesse para os garimpeiros, teve-se notícias que no rio Mapari também existe uma certa procura por seixos. No caso do ouro, o material passa então por peneiras e depois em calhas acarpetadas para a retenção das partículas mais pesadas. O concentrado obtido vai para a amalgamação em barris, separando-se os rejeitos e o excesso de mercúrio, que são lançados ao rio e, finalmente, obtendo-se o ouro pela queima do amálgama. Este processo, além de provocar alterações irreversíveis no leito dos rios, ainda interfere na renovabilidade, em especial dos recursos pesqueiros, através da poluição física decorrente do revolvimento dos rios, do lançamento do mercúrio, óleo e detergentes na água e da poluição sonora das máquinas.

Todavia, sem nenhuma dúvida, a contaminação do ambiente e da comunidade pelo mercúrio (que tem uso proibido pelo Decreto nº 97.507/89, mas continua a ser extensivamente utilizado) é atualmente a questão ambiental mais preocupante. O mercúrio é altamente tóxico e os seus efeitos sobre o homem são graves por concentrar-se de maneira cumulativa no organismo, podendo causar, entre outros, distúrbios neurológicos e doenças pulmonares.

Ainda que em pequena escala, a exploração de ouro nos rios Mapari e Japurá pode comprometer sobremaneira a qualidade de vida da comunidade de Mapari que, através da cadeia trófica, se contamina pelo consumo de peixes (importante fonte de proteína) contaminados por mercúrio.

Além destes graves problemas, teve-se notícia também que já houve exploração madeireira na T. I. Mapari na década de 80. Esta era feita por particulares e envolvia espécies economicamente importantes como copaíba, louro namuí, virola, cedrorana e sumaúma. Atualmente, este problema não mais existe, havendo apenas a exploração realizada por alguns pouco índios e somente para consumo próprio, ou seja em pequena quantidade. Trata-se, neste caso de exploração seletiva de madeiras de abacatirana, anaurá, miratauá e tanimbuca, que são utilizadas para a fabricação de pequenas embarcações e de coronhas de espingarda.



## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de muito tempo prevaleceu a idéia de que os povos indígenas possuíam terras em demasia e que a forma de uso que faziam dessas terras não contava para o desenvolvimento econômico. Assim, muitos povos foram agredidos em nome da "civilização" e do uso produtivo dos recursos naturais. Ainda hoje, grande parte destes povos não têm reconhecido seu direito à terra, colocando em risco a sua sobrevivência.

Opostamente a esta visão, o trabalho de antropólogos e indigenistas têm mostrado a riqueza desta cultura, das formas de organização, bem como de sua relação com a natureza, trazendo importantes contribuições para o entendimento da cultura indígena. Entre outros pontos, têm sido ressaltados os "modelos nativos" de manejo e uso dos recursos naturais, que carregam toda uma história de adaptação a situações ecológicas heterogêneas e complexas da Amazônia.

Os dados apresentados neste relatório nos permitem chegar à conclusão de que a forma de ocupação da área pelos índios que dela dependem pode ser considerada como uma forma de utilização dos recursos naturais bastante equilibrada. Isto porque as atividades produtivas desenvolvidas por este povo seguem um padrão cultural de subsistência e estão intimamente relacionadas ao regime das chuvas. E, por este motivo, são altamente sazonais e sujeitas a flutuações imprevisíveis. Sabendo disto, o povo de Mapari foi levado a desenvolver mecanismos alternativos para compensar estas variações estacionais, como o cultivo de determinadas espécies vegetais e a comercialização de alguns produtos.

Dentro dos limites definidos pela equipe, são encontradas áreas para exploração de produtos de origem animal e vegetal, agricultura e preservação da qualidade da biodiversidade existente na região. Os índios, conscientes ou não, estão manejando o ambiente através de atividades de caça, pesca e coleta vegetal. Preservam e perpetuam, com seus modos próprios de perceber o mundo, seu ambiente. Desta forma, é mister que se tenha em mente a necessidade de garantir ao grupo espaço suficiente para que possam continuar com suas práticas culturais e econômicas, de certa forma preservacionistas.

A regularização da área proposta, além de garantir a sobrevivência do povo de Mapari, ainda estará contribuindo para que a floresta Amazônica seja conservada. Uma visão regional do meio ambiente amazônico requer necessariamente a consideração dos interesses das comunidades locais, implicando o meio ambiente como sinônimo de subsistência destas populações. Vista sob este ponto de vista, a idéia de meio ambiente como portador de biodiversidade global ou de regulador climático, ganha diferentes conotações: a primeira, como provedora de uma diversidade de produtos de utilização imediata da população indígena (subsistência) e a segunda, como reguladora do equilíbrio dos sistemas de suporte à vida nesta região (segurança à subsistência).



A Constituição Federal, em seu art. 231 § 2º, declara que “as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o **usufruto exclusivo** das riquezas de solo, rios e lagos nela existentes”. Assim sendo, fica claro a necessidade de se levar a cabo o processo de demarcação da Terra Indígena Mapari, como forma de inibir a ação de invasores (pesqueiros e garimpeiros). Outrossim, tal procedimento permitiria ao grupo Caixana um maior reconhecimento por parte de várias organizações que nada ou pouco sabem sobre a existência deste povo.

Por fim, e com o intuito de aumentar a eficiência de trabalhos e futuros projetos interventores, sugere-se que se promova ações de proteção ambiental através da conscientização da comunidade e da sociedade envolvente sobre os danos advindos da exploração indevida de determinados recursos (principalmente do garimpo); identificação e difusão de tecnologias, indígenas ou não, consideradas apropriadas do ponto de vista ambiental e antropológico.

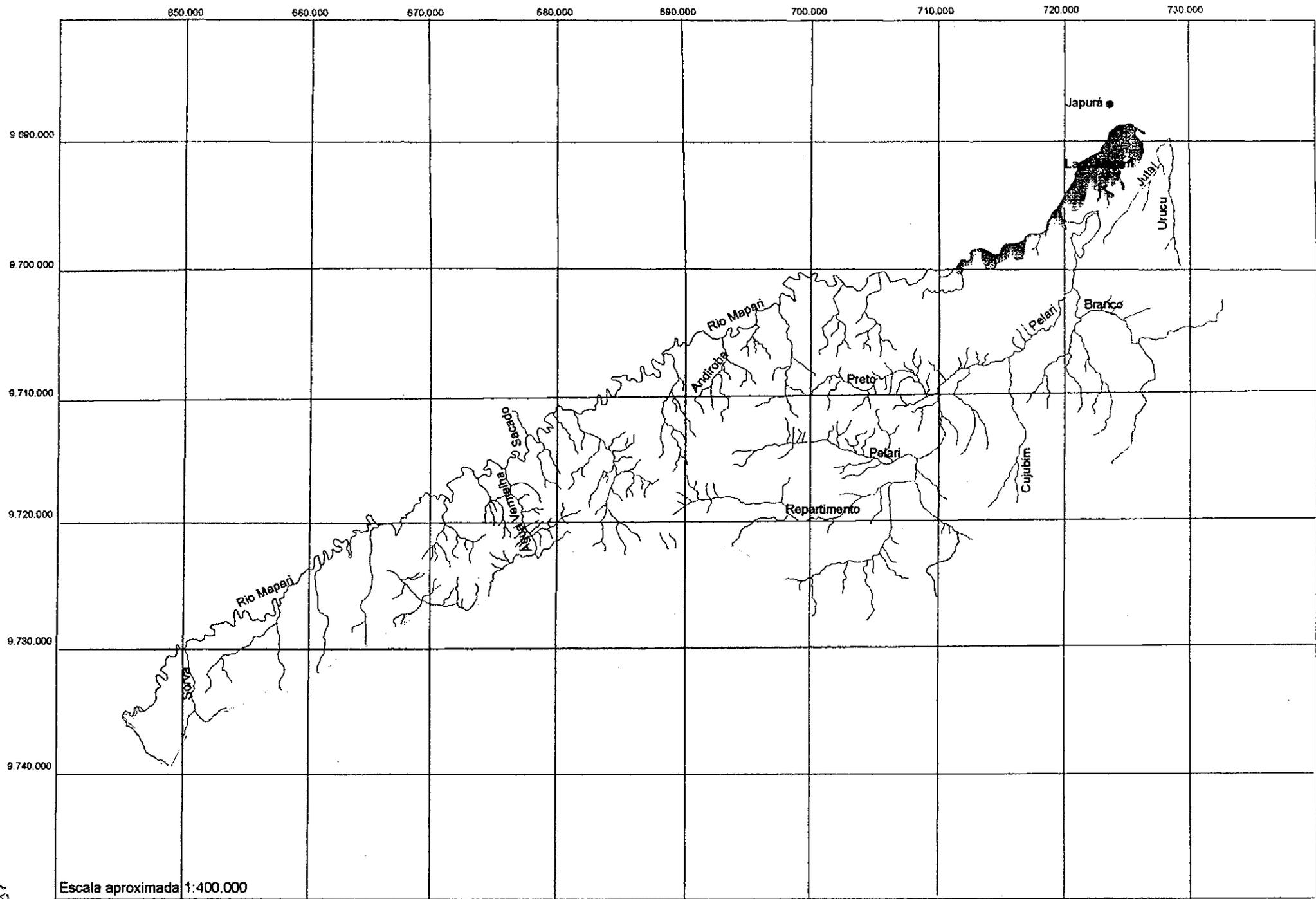
#### 10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Brasil/DNPM. **Projeto RADAMBRASIL**. Folha SA.19 Içá; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, DNPM/Projeto RADAMBRASIL. 452p. 1977.
- Brito, S. S. (ed.) **Desafio Amazônico: o futuro da civilização dos trópicos**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília; CNPq. 247p. 1990.
- Calouro, A. M. **Caça de subsistência: sustentabilidade e padrões de uso entre seringueiros ribeirinhos e não ribeirinhos do estado do Acre**. Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade de Brasília. 82p. 1995.
- Camargos, J. A. A.; Czarneski, C. M.; Meguerditchian, I. & Oliveira, D. **Catálogo de Árvores do Brasil**. Brasília, IBAMA/LPF, 888p. 1996.
- Carvalho, C. T. **Dicionário dos mamíferos do Brasil**. São Paulo, Nobel. 135p. 1979.
- Carvalho, J. C. (coord.) **Atlas da fauna brasileira**. São Paulo, Melhoramentos. 128p. 1978.
- Corrêa, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 6 vol. 1978.
- IBAMA/DIRPED/LPF. **Madeiras da Amazônia: características e utilização**. Brasília, IBAMA. vol. 3, 141p. 1997.
- Jensen, A. A. **Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. 88p. 1988.
- Kitamura, P. C. **A Amazônia e o desenvolvimento sustentável**. Brasília, EMBRAPA/SPI, 182p. 1994.
- Lorenzini, H. (coord.) **Palmeiras no Brasil: exóticas e nativas**. Nova Odessa, Editora Plantarum. 320p. 1996.

- Lorenzzi, H. **Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa, Editora Plantarum. 366p. 1992.
- Megggers, B. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 239p. 1987.
- Senado Federal. **Legislação do Meio Ambiente: atos internacionais e normas federais**. Brasília, Senado Federal - Subsecretaria de Edições Técnicas. 2v. 1996.
- Smith, N. J. H. **A pesca no rio Amazonas**. Manaus, CNPq/INPA. 154p. 1979.
- Souza, V. P. & Lins, F. A. F. **Recuperação do ouro por amalgamação e cianetação. Problemas ambientais e possíveis perspectivas**. Rio de Janeiro, CNPq/CETEM, Série Tecnologia Mineral, 44.1989.
- Spix, J. B. von & Martius, P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. vol. 3, 326p. 1981.

## 11. ANEXOS

Mapas e Tabelas.

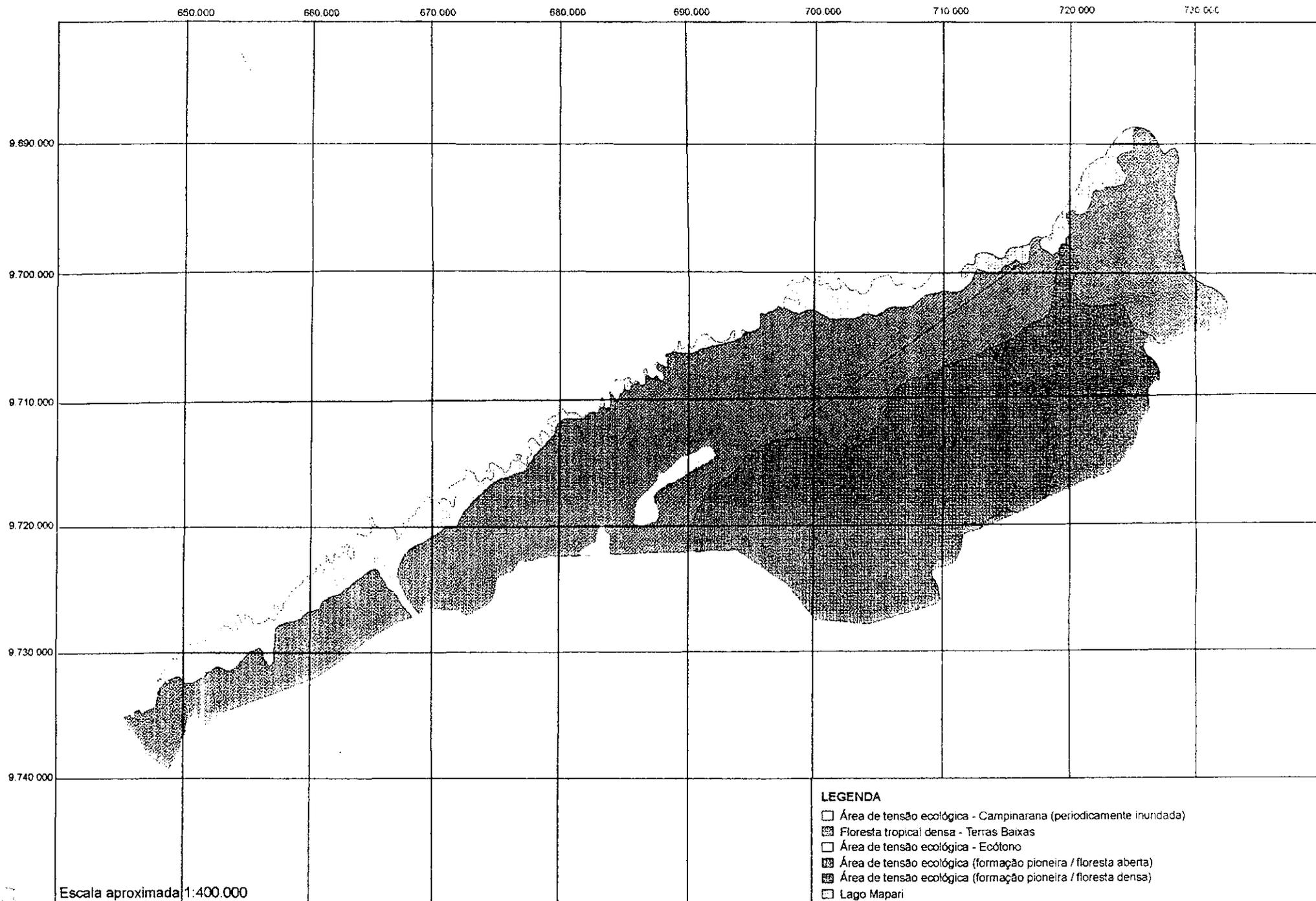


Escala aproximada 1:400.000

MAPA 01: Terra Indígena Mapari - limites e malha hidrográfica

SALZA

18

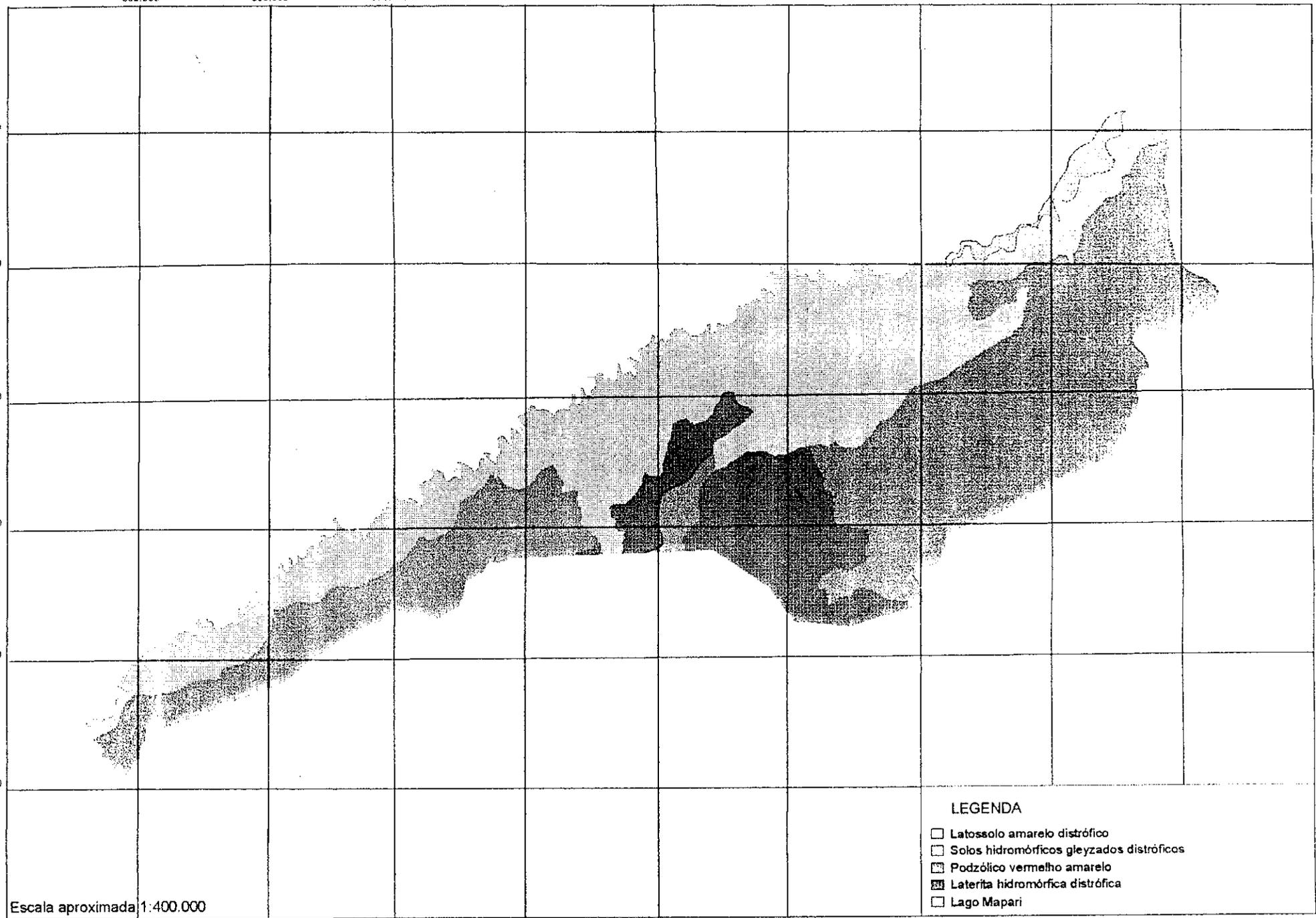


MAPA 02: Regiões Fitoecológicas da Terra Indígena Mapari



650.000 660.000 670.000 680.000 690.000 700.000 710.000 720.000 730.000

9.690.000  
9.700.000  
9.710.000  
9.720.000  
9.730.000  
9.740.000

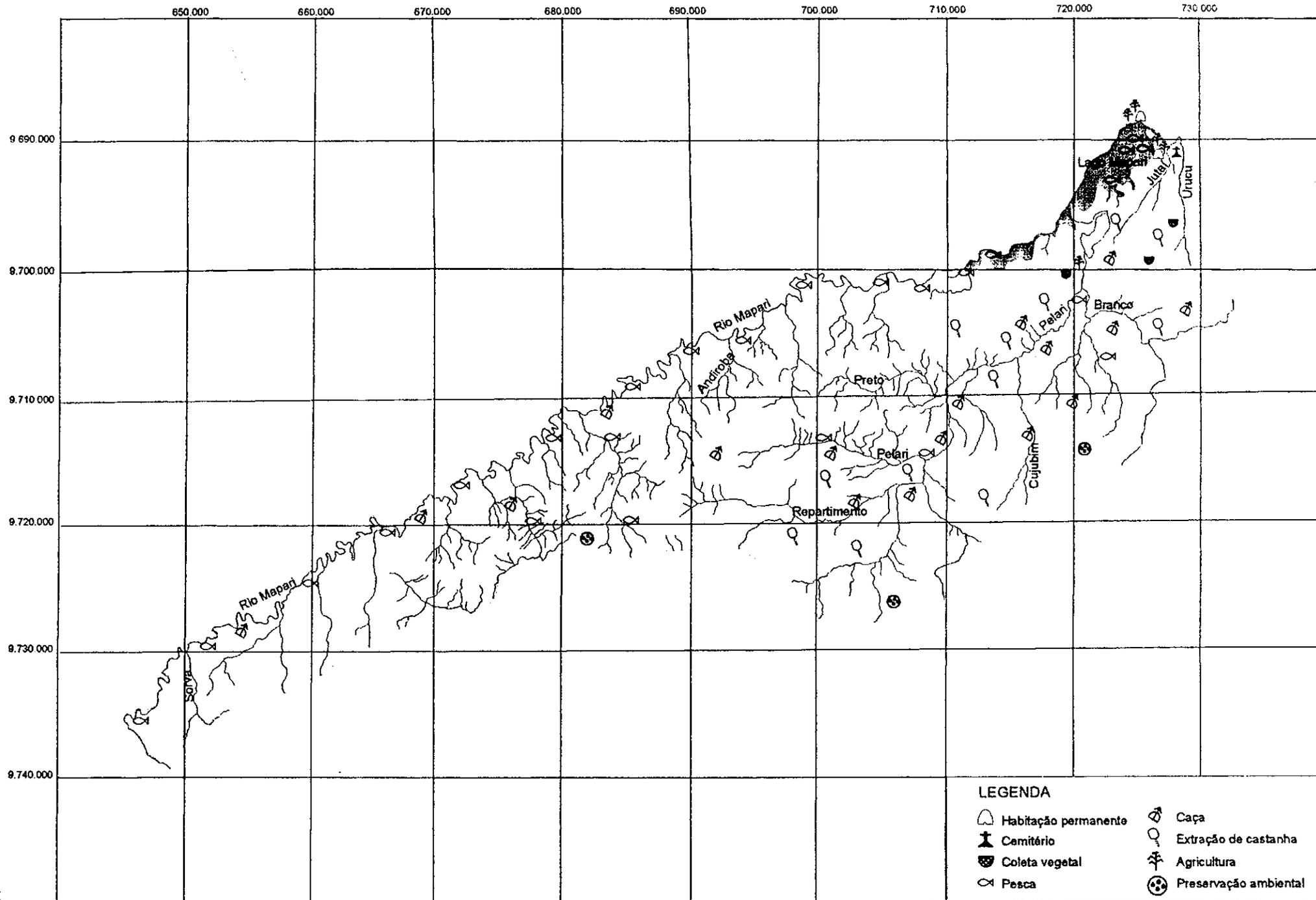


LEGENDA

- Latossolo amarelo distrófico
- Solos hidromórficos gleyzados distróficos
- Podzólico vermelho amarelo
- Laterita hidromórfica distrófica
- Lago Mapari

Escala aproximada 1:400.000

MAPA 03: Regiões Edáficas da Terra Indígena Mapari



Mapa 04: Recursos utilizados pelos Caixana da Terra Indígena Mapari.

Tabela 01: Lista de peixes utilizados pelos Caixana da Terra Indígena Mapari como parte de sua dieta alimentar.

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	AMBIENTE	OCORRÊNCIA
Acará	<i>Aequidens duopuncatus</i>	lago Mapari	comum
Arraia	<i>Paratrygonhystrix</i>	rio/lagos/igarapés	raro
Bacu	<i>Pterodoras granulosus</i>	rio Japurá	raro
Bico de pato	<i>Surubim lima</i>	rio/lagos/igarapés	raro
Bodó	<i>Hypostomus cf. plecostomus</i>	rio/lagos/igarapés	comum/raro
Braço de moça	<i>Plastystomichthys sturio</i>	rio Japurá	raro
Branquinha	<i>Curimata amazonica</i>	rio/igarapés	comum
Cangati	<i>Parauchenipterus galeatus</i>	lagos/igarapés	comum
Cará	<i>Cichlasoma spectabile</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Carauaçú	<i>Astronotus ocellatus</i>	lago Mapari	pouco freqüente
Cuiu cuiu	<i>Pseudodoras niger</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Curimatã	<i>Prochilodus nigricans</i>	rio/lagos/igarapés	raro
Jacundá	<i>Crenicichla johana</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Jandiá	<i>Rhampia quelen</i>	lago/rio	raro
Jaraqui *	<i>Prochilodus brama</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Jaraqui lavanca	Caracideo	rio Mapari	-
Jatuarana	<i>Brycon sp.</i>	rio/igarapés	comum/raro
Jaú (pacamum)	<i>Paulicea luetkeni</i>	rio Mapari	pouco freqüente
Jeju	<i>Erythrinus erythrinus</i>	cabeceira de igarapés	comum
Mandi	<i>Pimelodus blochii</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Matrinchá *	<i>Brycon sp.</i>	igarapés	abundante
Pacu	<i>Myleus sp.</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Peixe cachorra	<i>Hydrolycus scomberoides</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Peixe lenha	<i>Sorubimichthys planiceps</i>	rio Japurá	comum
Piau (aracu)	<i>Leporinus friderici</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Pintado	<i>Pseudoplatystoma coruscans</i>	rio Mapari	comum
Piracatinga	<i>Luciopimelodus pati</i>	rio/lagos/igarapés	-
Piraíba *	<i>Brachyplatystoma sp.</i>	rio Mapari/igarapés	pouco freqüente
Piranha	<i>Serrasalmus sp.</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Pirapitinga	<i>Colossoma bidens</i>	lago/rio Mapari	raro
Pirarara *	<i>Phactocephalus hemiliopterus</i>	rio/igarapés	comum
Pirarucu *	<i>Arapaima gigas</i>	lago/rio Mapari	pouco freqüente
Sarapó	<i>Cymnotus carapo</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Sardinha	<i>Triportheus albus</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Sulamba	N. I.**	rio/lagos/igarapés	comum
Surubim *	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	rio/lagos/igarapés	comum
Tambaqui *	<i>Colossoma bidens</i>	lago/rio Mapari	pouco freqüente
Traíra	<i>Hoplias malabariscus</i>	rio/lagos/igarapés	Comum
Tucunaré	<i>Cichla ocellaris</i>	lago Mapari	Comum

\* espécies utilizadas também para comercialização.

\*\* espécies não identificadas.

Tabela 02: Lista de espécies animais existentes na Terra Indígena Mapari.

NOME REGIONAL	NOME CIENTIFICO	AMBIENTE	OCORRÊNCIA	CLASSE	Uso
Anta	<i>Tapirus terrestris</i>	canamã	comum	mamífero	consumo e venda
Araçari	<i>Pteroglossus aracari</i>	mata/beira de rio	comum	ave	consumo
Arara	<i>Ara spp.</i>	beira de rio	comum	ave	consumo
Arara vermelha	<i>Ara chloroptera</i>	mata/beira de rio	comum	ave	consumo
Ariranha	<i>Pteronura brasiliensis</i>	lago/rio Mapari	comum	mamífero	-
Capivara	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	beira de rio	raro	mamífero	consumo
Cujubim	<i>Pipile pipile</i>	beira de rio	comum	ave	consumo
Curica	<i>Pionopsitta barrabandi</i>	igapó	comum	ave	consumo
Cutia preta	<i>Dasyprocta sp.</i>	mata/capoeira/roça	comum	mamífero	consumo
Garça branca	<i>Casmerodius albus</i>	beira de rio	abundante	ave	consumo
laça	<i>Podocnemis sextuberculata</i>	lagos	comum	réptil	consumo e venda
Jabuti	<i>Geochelone denticulata</i>	mata	raro	réptil	consumo e venda
Jacamim	<i>Psophia leucoptera</i>	mata	comum	ave	consumo
Jacaré	<i>Paleosuchus trigonatus</i>	igapó/lago Mapari	comum	réptil	consumo
Jacu (jacuperna)	<i>Penelope jacquacu</i>	capoeira	comum	ave	consumo
Jacutinga	N. I.*	mata	comum	ave	consumo
Lontra	<i>Lutra enuris</i>	lago/rio Mapari	comum	mamífero	-
Macaco barrigudo	<i>Lagothrix lagothricha</i>	mata	comum	mamífero	consumo e venda
Macaco cairara	<i>Cebus albifrons</i>	igapó/mata	comum	mamífero	consumo
Macaco da noite	<i>Aotus trivirgatus</i>	beira de rio	comum	mamífero	consumo
Macaco de cheiro	<i>Saimiri sciureus</i>	igapó/mata	comum	mamífero	consumo
Macaco guariba	<i>Alouatta seniculus</i>	igapó/beira de rio	comum	mamífero	consumo e venda
Macaco parauacu	<i>Pithecia irrorata</i>	igapó/mata	comum	mamífero	consumo
Macaco prego	<i>Cebus apella</i>	mata/beira de rio	comum	mamífero	consumo e venda
Macaco zog zog	<i>Callicebus moloch</i>	mata/beira de rio	comum	mamífero	consumo
Maguari	<i>Ardea cocoi</i>	igapó/lago Mapari	comum	ave	consumo
Matamatá	<i>Chelys fimbriatus</i>	lagos	raro	réptil	consumo
Mutum	<i>Mitu mitu</i>	igapó/beira de rio	comum	ave	consumo e venda
Nambu galinha	<i>Tinamus gutatus</i>	mata	comum	ave	consumo
Nambu macucaua	<i>Tinamus major</i>	mata	comum	ave	consumo
Onça pintada	<i>Panthera onça</i>	mata	raro	mamífero	consumo e decoração (pele)
Onça preta	<i>Felis sp.</i>	mata	comum	mamífero	-
Onça vermelha	<i>Felis concolor</i>	mata	raro	mamífero	consumo
Paca	<i>Agouti paca</i>	beira de rio	comum	mamífero	consumo e venda
Papagaio	<i>Amazona sp.</i>	mata	comum	ave	criação doméstica
Pato do mato	<i>Cairina moschata</i>	igapó/lago Mapari	comum	ave	consumo
Peixe-boi	<i>Trichechus inunguis</i>	rios/lago Mapari	raro	mamífero	consumo
Perema	N. I.	lagos/igapó	comum	réptil	consumo
Porquinho (caititu)	<i>Tayassu tajacu</i>	mata	comum	mamífero	consumo e venda
Preguiça	<i>Bradypus sp.</i>	igapó/mata	raro	mamífero	consumo
Quati	<i>Nasua nasua</i>	mata	comum	mamífero	consumo
Quatipuru vermelho	<i>Sciurus sp.</i>	mata/beira de rio	comum	mamífero	-
Queixada	<i>Tayassu pecari</i>	beira de rio	comum	mamífero	consumo e venda
Saracura	<i>Aramides sp.</i>	beira de rio	comum	ave	-
Socó	<i>Botaurus pinnatus</i>	beira de rio	comum	ave	consumo
Tamanduá bandeira	<i>Cyclopes didactylus</i>	mata	raro	mamífero	-
Tartaruga	<i>Podocnemis expansa</i>	lagos	pouco freqüente	réptil	consumo e venda
Tatu canastra	<i>Priodontes maximus</i>	mata	raro	mamífero	consumo
Tatu verdadeiro	<i>Dasybus novencinctus</i>	mata/beira de rio	comum	mamífero	consumo
Tatupeba	N. I.	mata/beira de rio	comum	mamífero	consumo
Tracajá	<i>Podonermis unifilis</i>	lagos	comum/raro	réptil	consumo e venda
Tracajá cabeçudo	<i>Peltocephalus tracaxus</i>	lagos/igapó	pouco freqüente	réptil	consumo e venda
Tucano	<i>Ramphastus sp.</i>	mata/beira de rio	comum	ave	consumo e criação
Veado capoeira	<i>Mazama americana</i>	canamã/beira rio	raro	mamífero	consumo e venda
Veado roxo	<i>Mazama gouazoubira</i>	mata	comum	mamífero	consumo

\* espécies não identificadas.

Tabela 03: Espécies vegetais existentes na Terra Indígena Mapari.

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	HÁBITO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Abacatirana	<i>Persea laevigata</i>	arbóreo	tronco	construção de canoas e coronha de espingarda
Abiu verdadeiro	<i>Pouteria caimito</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Abiurana	<i>Chrysophyllum prieurii</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i>	palmeira	fruto/palmito	alimentação; atrativo para animais
Açaí chumbo	<i>Euterpe catinga</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Acapu	<i>Vouacapoua americana</i>	arbóreo	tronco	construção de casas
Acapurana	<i>Campisandra laurifolia</i>	arbóreo	tronco	madeira para lenha e carvão
Anauirá	<i>Licania macrophylla</i>	arbóreo	tronco	construção de canoas; madeira para carvão
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>	arbóreo	fruto; óleo (casca)	isca para peixe; medicinal (ferimento)
Apuí	<i>Ficus niphaeifolia</i>	liana	látex (casca)	medicinal (dor nas costas)
Araçá	<i>Psidium araçá</i>	arbóreo	fruto; tronco	alimentação; construção de casas
Arapari	<i>Macrobium aracifolium</i>	arbóreo	fruto; tronco	atrativo para animais; madeira para carvão
Arumã	<i>Ischnosiphon ovatus</i>	palmeira	folha	artesanato ('tupé', peneira, abano)
Bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i>	palmeira	fruto	alimentação
Bacuri	<i>Platonia insignis</i>	arbóreo	fruto	Alimentação; atrativo para animais
Breu anani	<i>Symphonia globulifera</i>	arbóreo	exsudado (casca)	calafetar barco
Breu branco	<i>Protium duckei</i>	arbóreo	resina (casca)	medicinal (dor de cabeça); aticar fogo
Breu cicantá	<i>Protium divaricatum</i>	arbóreo	resina (casca)	calafetar barco
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i>	palmeira	fruto	alimentação; atrativo para animais
Buritirana	<i>Mauritiella aculeata</i>	palmeira	fruto	alimentação; atrativo para animais
Cajuí	<i>Anacardium tenuifolium</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Cajurana	<i>Simaba guianensis</i>	arbóreo	casca	medicinal (golpe, cortes)
Camu camu	N. I.*	arbóreo	fruto	alimentação
Caraipé	<i>Licania sp.</i>	arbóreo	casca	artesanato (modelar barro)
Carapanaúba	<i>Aspidosperma carapanauba</i>	arbóreo	casca	medicinal (fígado)
Carapanaúba preta	<i>Aspidosperma excelsum</i>	arbóreo	tronco	construção de cabos de ferramentas
Castanheira	<i>Bertholletia excelsa</i>	arbóreo	casca; fruto	medicinal (ferida e 'curuba'); alimentação
Caucho	<i>Castilla ulei</i>	arbóreo	tronco	madeira para construção de móveis
Cauichirana	<i>Olmedia calophylla</i>	arbóreo	tronco	madeira para construção de móveis
Caxinguba	<i>Ficus insipida</i>	arbóreo	látex (casca)	medicinal (vermífugo)
Cedrorana	<i>Swietenia macrophylla</i>	arbóreo	tronco	madeira para construção de móveis
Cipó ambé	<i>Philodendron sp.</i>	liana	fibra	artesanato (paneiro, 'tupé')
Cipó mucunã	<i>Echites peltata</i>	liana	-	uso desconhecido
Cipó titica	<i>Heteropsis jenmani</i>	liana	fibra	artesanato (paneiro, vassoura)
Copaíba	<i>Copaifera sp.</i>	arbóreo	óleo (casca)	medicinal (paralisia infantil)
Cumarú	<i>Dipteryx odorata</i>	arbóreo	tronco	madeira para carvão
Cupuí	<i>Theobroma subincanum</i>	arbustivo	fruto	alimentação
Embaúba branca	<i>Cecropia sciadophylla</i>	arbóreo	folha	medicinal (hepatite)

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	HÁBITO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Envira	<i>Annona</i> sp.	arbóreo	fibra	artesanato (alça para paneiro, cordas)
Envira preta	<i>Guatteria poeppigiana</i>	arbóreo	tronco	madeira para construção de móveis
Envira surucucu	<i>Duguetia echinophora</i>	arbóreo	tronco	artesanato (vara para pesca, canço)
Envira vermelha	<i>Xylopia aromatica</i>	arbóreo	-	uso desconhecido
Fava	<i>Parkia multijuga</i>	arbóreo	casca	medicinal (impigem)
Gapuí	<i>Martinella obovata</i>	liana	casca	medicinal (dor de olho)
Guaruba	<i>Vochysia maxima</i>	arbóreo	-	uso desconhecido
Ingá	<i>Inga</i> sp.	arbóreo	fruto	alimentação
Ingarana	<i>Pithecellobium dinizii</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Isqueira	<i>Parinari excelsa</i>	arbóreo	tronco	madeira para lenha
Itaúba	<i>Mezilaurus itauba</i>	arbóreo	tronco	construção de canoas e móveis
Itaubarana	<i>Sweetia nitens</i>	arbóreo	tronco	construção de casas
Jacareúba	<i>Calophyllum brasiliense</i>	arbóreo	tronco	construção de canoas
Jacitara	<i>Desmoncus orthacanthos</i>	palmeira	fibra	artesanato (peneira e tipiti)
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Jauari	<i>Astrocaryum jauari</i>	palmeira	palmito/fruto	alimentação; isca para peixes
Jenipapinho	<i>Sphinctanthus rupestris</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Jucá	<i>Caesalpineia ferrea</i>	arbóreo	folha	medicinal (gripe)
Jutaí	<i>Dialium guianense</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Lacre	<i>Vismia cayannensis</i>	arbóreo	látex (casca); tronco	medicinal (impigem); madeira para carvão
Louro chumbinho	<i>Licania cannella</i>	arbóreo	-	uso desconhecido
Louro namuí	<i>Nectandra cymbarum</i>	arbóreo	óleo (casca)	medicinal (dor de ouvido)
Louro preto	<i>Cordia gerascanthus</i>	arbóreo	exsudado (tronco)	medicinal ('golpes' e ferimentos)
Maçaranduba	<i>Manilkara huberi</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Marajá	<i>Bactris maraja</i>	palmeira	fruto	atrativo para animais
Matamatá	<i>Eschweilera</i> sp.	arbóreo	casca	medicinal (ferimentos)
Miratauí	<i>Apuleia molaris</i>	arbóreo	tronco	construção de canoas e coronha de espingarda
Miraúba	<i>Mouriri</i> sp.	arbóreo	tronco	madeira para carvão
Molongó	<i>Malouetia tamaquarina</i>	arbóreo	tronco	confecção de pequenos objetos
Muirapiranga	<i>Brosimum paraense</i>	arbóreo	tronco	construção de engenhoca para moer cana
Mungubeira	<i>Bombax munguba</i>	arbóreo	fruto	isca para peixes
Mututi	<i>Pterocarpus</i> sp.	arbóreo	tronco	madeira para fazer remo
Mututi branco	<i>Pterocarpus draco</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Osso de porco	<i>Ravenia infelix</i>	arbóreo	tronco	madeira para lenha
Paracuúba	<i>Lecointea amazonica</i>	arbóreo	tronco	confecção de flecha e haste
Paricarana	<i>Acacia riparia</i>	arbóreo	tronco	madeira para construção de móveis
Patauí	<i>Oenocarpus bataua</i>	palmeira	fruto	alimentação
Pau d'arco	<i>Tabebuia</i> sp.	arbóreo	tronco	madeira para lenha
Pau de lontra	N. I.	arbóreo	folha	remédio para 'curar' furo de cachorro
Paxiúba	<i>Socratea exorrhiza</i>	palmeira	palha/tronco; fruto	construção de casas; atrativo para aves

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	HÁBITO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Paxiúba barriguda	<i>Iriartea delvidea</i>	palmeira	fruto	atrativo para animais
Paxiubarana	<i>Tovomita triflora</i>	palmeira	raiz	medicinal ( 'tirar penema' )
Pequiá	<i>Caryocar villosum</i>	arbóreo	fruto	alimentação; atrativo para animais
Pequiarana	<i>Caryocar glabrum</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Pirum	N. I.	arbóreo	fruto; tronco	alimentação; construção de casas
Punã	<i>Iryanthera tricornis</i>	arbóreo	tronco	madeira para carvão
Rabo de capitari	N. I.	arbóreo	tronco	artesanato (arco)
Ripeira	<i>Euterpe edulis</i>	palmeira	palmito	alimentação
Seringaí	<i>Hevea sp. ???</i>	arbóreo	tronco	madeira para carvão; atrativo para animais
Seringarana	<i>Sapium marmieri</i>	arbóreo	fruto	atrativo para animais
Seringueira	<i>Hevea brasiliensis</i>	arbóreo	látex (tronco)	comercialização de látex (borracha); atrativo animais
Sorva	<i>Couma guianensis</i>	arbóreo	fruto	alimentação; atrativo para animais
Supiarana	N. I.	arbóreo	fruto	isca para peixes
Tacana	N. I.	gramínea	caule	confecção de flecha
Tachi	<i>Tachigali myrmecophila</i>	arbóreo	casca	medicinal (diarréia, golpe)
Tanimbuca	<i>Buchenavia huberi</i>	arbóreo	tronco	madeira para carvão; construção de canoas
Taperebá	<i>Poupartia amazonica</i>	arbóreo	fruto	atrativo para animais
Taquari	<i>Mabea taquari</i>	liana	fruto	alimentação
Tarumã	<i>Vitex triflora</i>	árvore	fruto	isca para peixes
Tauari	<i>Couratari guianensis</i>	arbóreo	-	uso desconhecido
Timbó-açu	<i>Derris guianensis</i>	liana	raiz	medicinal (coceira, 'curuba')
Tintarana	<i>Faramea multiflora</i>	arbóreo	-	uso desconhecido
Tucum	<i>Bactris lindmanniana</i>	palmeira	fruto	alimentação; isca para peixes (pacu)
Tucumã	<i>Astrocaryum aculeatum</i>	palmeira	fruto/palmito	alimentação
Tururi	N. I.	arbóreo	-	uso desconhecido
Ubim	<i>Geonoma spp.</i>	palmeira	palha	cobertura de casas
Ucuuba vermelha	<i>Virola cuspidata</i>	arbóreo	fruto	atrativo para aves
Ucuubarana	<i>Iryanthera sp.</i>	arbóreo	casca	medicinal (cicatrização de feridas)
Ucuubinha	<i>Miristicaceae</i>	arbóreo	casca, raiz	medicinal ( 'curuba' )
Umari	<i>Poraqueiba sericea</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Umarirana	<i>Poraqueiba guianensis</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Urucu	<i>Bixa orellana</i>	arbóreo	fruto	alimentação (tempero)
Urucurana	<i>Sloanea nitida</i>	arbóreo	sapopema	madeira para fazer remo
Urucurana branca	<i>Sloanea grandis</i>	arbóreo	tronco	madeira para carvão
Urucurana da mata	<i>Bixa arborea</i>	arbóreo	fruto	isca para peixes
Virola	<i>Virola surinamensis</i>	arbóreo	casca	medicinal (ferimentos)
Xuxauaxi	N. I.	arbustivo	casca	medicinal (dor no corpo, reumatismo)

\* N. I.: espécies vegetais não identificadas.

Tabela 04: Espécies vegetais cultivadas na Terra Indígena Mapari.

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Abacate	<i>Persea americana</i>	fruto	consumo
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i>	fruto	consumo
Abiu	<i>Pouteria caimito</i>	fruto	consumo
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i>	fruto; palmito	consumo; medicinal (batida de cobra)
Alfavaca	<i>Ocimum sp.</i>	folha	tempero; medicinal (gripe, dor de cabeça, constipação)
Alho	<i>Allium sativum</i>	folha	medicinal (gripe e febre)
Ananá	<i>Ananas sp.</i>	fruto	consumo
Apurui	<i>Duroia macrophylla</i>	fruto	consumo
Apurumã (mapati)	<i>Pourouma cecropiaefolia</i>	fruto	consumo
Araçá	<i>Psidium littorale</i>	fruto	consumo
Araticum	<i>Annona crassifolia</i>	fruto	consumo
Bacabinha	<i>Oenocarpus minor</i>	fruto	consumo
Banana	<i>Musa spp.</i>	fruto	consumo e venda
Batata doce	<i>Ipomea batatas</i>	raiz	consumo
Biribá	<i>Annona lanceolata</i>	fruto	consumo
Café	<i>Coffea arabica</i>	fruto	consumo
Caju	<i>Anacardium giganteum</i>	fruto; casca	consumo; medicinal (diarréia)
Cana	<i>Saccharum officinarum</i>	colmo	consumo
Cará	<i>Discorea sp.</i>	raiz	consumo
Cubiu	N. I.*	fruto	consumo
Cuia	<i>Crescentia cujete</i>	fruto	artesanato, utensílio doméstico
Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i>	fruto	consumo
Cupuí	<i>Theobroma subincanum</i>	fruto	consumo
Dendê	<i>Elaeis oleifera</i>	fruto (óleo)	consumo
Feijão	<i>Phaseolus sp.</i>	fruto	consumo e venda
Gergelim	<i>Sesamun indicum</i>	Semente	medicinal ('doença do ar')
Goiaba	<i>Psidium sp.</i>	fruto; folha	consumo; medicinal (diarréia)
Graviola	<i>Annona reticulata</i>	fruto	consumo
Ingá	<i>Inga spp.</i>	fruto	consumo
Jambo	<i>Eugenia malaccensis</i>	fruto	consumo
Jirimum (abóbora)	<i>Curcubita sp.</i>	fruto	consumo
Laranja	<i>Citrus aurantium</i>	fruto; casca	consumo; medicinal (dor de estômago)
Limão	<i>Citrus limonum</i>	fruto	consumo; medicinal (gripe)
Macaxeira	<i>Manihot exculenta</i>	raiz	consumo
Mamão	<i>Carica sp.</i>	fruto	consumo e venda
Mandioca	<i>Manihot sp.</i>	raiz	consumo
Manga	<i>Mangifera indica</i>	fruto; casca	consumo; medicinal (diarréia)
Mangarataya	<i>Zingiber zingiber</i>	raiz	medicinal (gripe)
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	folha	medicinal (dor de estômago)
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i>	fruto	consumo
Melancia	<i>Citrullus vulgaris</i>	fruto	consumo
Milho	<i>Zea mays</i>	fruto	consumo e venda
Morango	<i>Fragaria vesca</i>	fruto	consumo
Mucuraca'á	N. I.	folha	medicinal (gripe)
Panquilé	N. I.	folha	medicinal (dor de estômago)
Pequiá	<i>Caryocar villosum</i>	fruto	consumo
Pimenta	<i>Piper sp.</i>	fruto	tempero
Pinhão	<i>Jatropha curcas</i>	folha	medicinal (gripe)
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i>	fruto	consumo
Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i>	fruto	consumo
Trevo roxo	<i>Trifolium sp.</i>	folha	medicinal (dor de ouvido)
Umari	<i>Poraqueiba sp.</i>	fruto	consumo
Urucu	<i>Bixa orellana</i>	fruto	consumo, tempero

\* N. I. espécies não identificadas.